



IspA

Instituto Universitário
de Ciências Psicológicas,
Sociais e da Vida

DO ECRÃ AO CORAÇÃO: A RELAÇÃO ENTRE O
CONTACTO PARASSOCIAL, A SOLIDÃO E A PERTENÇA
NA COMUNIDADE LGBTQ+ PORTUGUESA

MIGUEL DA SILVA TRAVANCA

Orientador de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA ANA CRISTINA MARTINS

Professor de Seminário de Dissertação:

PROF.^a DOUTORA ANA CRISTINA MARTINS

Dissertação submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Especialidade em Psicologia Clínica

2024/2025

Dissertação de Mestrado realizada
sob a orientação de Prof.^a
Doutora Ana Cristina Martins,
apresentada no ISPA – Instituto
Universitário para obtenção de grau
de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica

Agradecimentos

As páginas em que escrevo estas palavras servem para, de certo modo, imortalizar um dos maiores desafios que passei nos meus 25 anos de vida. Uma dissertação por si já envolve um trabalho monumental e uma miríade de desafios inerentes, mas neste caso foi acompanhada de ainda mais questões que surgiram inesperadamente, que vieram exigir ainda mais de mim do que inicialmente esperava. No entanto, mesmo que não seja nas condições mais ideais, o final chegou, e, não posso aceitar todos os créditos deste trabalho, tendo de agradecer a todos que me acompanharam até aqui.

Desde já, estendo a maior gratidão à Prof^a. Doutora Ana Cristina Martins. Um verdadeiro obrigado pelo constante apoio e confiança ao longo de todo este processo. Sempre se apresentou disponível para dar *feedback*, para oferecer ajuda e conhecimento indispensável, como também momentos de partilha e ligação. Poucos sabem como este processo foi extenuante, e a sua capacidade de acreditar em mim foi essencial, especialmente em tantos momentos onde eu próprio não acreditei.

Pai, Mãe e Inês, minha irmã, obrigado por nunca duvidarem das minhas forças, por sempre me dizerem que devia seguir os meus sonhos, independentemente do que fossem. Obrigado por me apoiarem enquanto saltei entre o mundo da arte e o mundo da psicologia, e sem dúvida em todos os saltos futuros que possam surgir. Estou infinitamente grato por vocês e por todos os vossos sacrifícios. À minha avó Clara, que, infelizmente, não teve a possibilidade de me acompanhar até ao fim deste percurso, espero que estejas a descansar sabendo que está feito. À minha avó Hermínia, obrigado por frisares sempre o quão orgulhosa estás de mim. Espero que recuperes rápido e ajudaria a tratar de ti mais uma centena de vezes se fosse preciso.

Para os amigos que carrego há quase duas décadas, cada um merece mais do que consigo expressar aqui. Obrigado a cada um. À “Margar”, por ser como uma irmã, por sempre me fazer rir, por ter uma força que muitos desejam ter, por me apertar os sapatos quando eu não sabia aos 6 anos de idade, por estares aqui até hoje. À “Pinta”, por seres sempre verdadeira a quem és, pelas tuas opiniões firmes, mesmo quando nem sempre concordamos, por compreenderes o esforço e pela tua dedicação ao que fazes, que sempre me inspirou. Ao Gonçalo, por confiares em mim nos teus momentos mais difíceis, por poder confiar em ti também nos meus, por seres alguém que admiro em tantos aspetos e por estares aqui ao meu lado, e que assim continue.

João, entre tudo o que estes anos nos trouxeram, do bom ao menos bom, do fácil ao mais difícil, mereces dos maiores agradecimentos deste mundo. Devo-te imenso nesta vida. Estiveste aqui para tudo, algo que mais ninguém pode dizer. Entre todos os obrigados que mereces, também te devo imensos pedidos de desculpa por tanto que aturaste. Mas nada elimina a importância que tens tido na minha vida, e em tudo o que levou até esta etapa.

Um obrigado dos mais profundos às almas que tornaram o ISPA um lugar que valeu a pena, as verdadeiras estrelas do meu percurso académico. À Raquel, por estar comigo desde o primeiro dia e desde a primeira conversa, pela tua companhia e pela compreensão constante em todos os esforços e trabalhos de grupo destes 5 anos. À Dani, por seres das melhores pessoas deste mundo, por todas as gargalhadas, pelos picnics e pelos *bubble teas* todos, pelos *memes* e por simplesmente seres incrível. À Bia, por seres a minha alma gémea de personalidade, por tantos momentos em que o nosso humor foi idêntico e por te sentires confortável em partilhar as tuas dores. À Miriam, por seres das pessoas mais genuinamente bondosas que já conheci, por seres tão lutadora e seres sempre uma presença acolhedora para mim e para todos. À Diana, por sempre me deixares mais relaxado, por teres sempre algo importante para dizer, pelas partilhas, por seres dedicada às boas causas e por veres sempre o melhor em mim. E à Leonor, por seres simplesmente tu, tão engraçada e inteligente, alguém que adoro e admiro, por seres alguém com que me liguei tão naturalmente e agora, sempre que vir um *shiny*, vou pensar em ti.

À Dr.^a Ana Rute, tenho de deixar um dos agradecimentos mais profundos, pois o apoio e trabalho terapêutico ao longo de todos estes anos, mesmo antes de começar este processo no ISPA, moldou-me e tornou-me em alguém mais capaz de enfrentar os desafios, mais preparado e mais justo comigo mesmo.

Por fim, expresso o meu agradecimento pela arte humana, aquilo que nos dá a nossa humanidade. Pela sua beleza infinita e mutável, pela força que nos dá, pela vulnerabilidade que exige de nós. Obrigado a quem cria e quem aprecia verdadeira arte.

Resumo

O contacto parassocial é pouco estudado em Portugal, mas bastante presente na nossa realidade atual. Muitos procuram este tipo de interações com o intuito de sentirem satisfação quando esta não é vivida no quotidiano. Assim, esta dissertação procura compreender a relação entre o contacto parassocial, a solidão e a pertença na comunidade LGBTQ+.

O estudo atual reuniu 104 participantes que se identificaram como membros da comunidade LGBTQ+, com idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos, $M = 24,61$; $DP = 5,22$. A recolha de dados realizou-se através de um questionário *online*, pela plataforma *Qualtrics XM*, consistindo num questionário sociodemográfico e três instrumentos: "*Audience Persona Interaction Scale*" (API) (Auter & Palmgreen, 2000), "*LGBTQ Belongingness Attainment Scale*" (LGBTQBAS) (Murray & Dailey, 2020) e Escala de Solidão UCLA, adaptada para português (Pocinho et al., 2010).

Os resultados revelaram um efeito de predição significativo do contacto parassocial sobre a pertença à comunidade LGBTQ+, indicando que quanto mais contacto parassocial maior a pertença, como também foi encontrada uma relação negativa e significativa entre a idade do participante e a pertença, indicando que quanto mais velho o participante, menos pertença sentirá, ambos corroboradas pela literatura. Não foram encontradas relações significativas entre a solidão e as outras variáveis.

O atual estudo concluiu que sujeitos *queer* portugueses sentem pertença mais elevada quando o contacto parassocial está presente. Porém, a solidão experienciada por estes e a sua relação com a pertença e o contacto parassocial requerem mais investigação, como a utilização de instrumentos especializados para esta população.

Palavras-Chave: Contacto Parassocial, LGBTQ+, *Queer*, Pertença, Solidão

Abstract

Parasocial contact is under researched in Portugal yet quite prevalent in our current reality. Many people search for this type of interaction with the goal of feeling fulfilment when this is not felt on a day-to-day basis. Having said this, this thesis attempts to understand the relationships between parasocial contact, loneliness and the felt belongingness in the LGBTQ+ community.

The current study had 104 participants, with ages ranging between 18 and 50 years old, $M = 24,61$; $SD = 5,22$. Data collection was done through an internet questionnaire, on the Qualtrics XM platform, consisting in a sociodemographic questionnaire and three instruments: "Audience Persona Interaction Scale" (API) (Auter & Palmgreen, 2000), "LGBTQ Belongingness Attainment Scale" (LGBTQBAS) (Murray & Dailey, 2020) and the UCLA Loneliness Scale, adapted to Portuguese (Pocinho et al., 2010).

The results revealed that parasocial contact significantly predicted belongingness in the LGBTQ+ community, indicating how the more parasocial contact, the more belongingness will be felt, and it was also found that there is a negative and significant relationship between participant age and felt belongingness, indicating that the older the individual, the less belongingness they feel, both being corroborated by literature. No significant relationships between loneliness and the other two variables were found.

The current study concluded that queer Portuguese people feel higher levels of belongingness when parasocial contact is present. However, the loneliness they experience and its relation to belongingness and parasocial contact require more research, as well as specialized instruments for this population.

Keywords: Parasocial Contact, LGBTQ+, Queer, Belongingness, Loneliness

Índice

Introdução	10
Revisão de Literatura	11
Contacto Parassocial.....	11
Hipótese do Contacto Parassocial.....	13
A Pertença.....	15
A Solidão	18
<i>Minority Stress Model</i>	20
A comunidade LGBTQ+	22
O Parassocial e a <i>Queerness</i>	24
O Presente Estudo.....	25
Método	26
Delineamento.....	26
Participantes.....	26
Instrumentos	27
Questionário Sociodemográfico	27
<i>Audience Persona Interaction Scale (API)</i>	28
<i>LGBTQ Belongingness Attainment Scale (LGBTQBAS)</i>	28
<i>University of California, Los Angeles (UCLA) Loneliness Scale/ Escala de Solidão UCLA</i>	29
Procedimento.....	30
Análise de Dados	31
Resultados	32
Análise das Qualidades Psicométricas das Escalas	32
<i>Análise Fatorial Exploratória- Audience Persona Interaction Scale (API)</i>	32
<i>Análise Fatorial Exploratória- LGBTQ Belongingness Attainment Scale</i>	34

<i>Análise Fatorial Confirmatória- Escala de Solidão UCLA</i>	36
Estatísticas Descritivas	37
Teste de Hipóteses	38
Análises Exploratórias	40
<i>Influência do Género e da Orientação Sexual nas Diferentes Variáveis</i>	40
<i>Correlação Entre a Idade e as Restantes Variáveis</i>	43
<i>Análise de Mediação</i>	44
Discussão.....	45
Limitações	48
Conclusão e Estudos Futuros.....	49
Referências.....	52
Anexos.....	61
Anexo A – Consentimento Informado	61
Anexo B – Instrumento Original: <i>Audience Persona Interaction Scale</i> (API)	62
Anexo C – Instrumento Traduzido: <i>Audience Persona Interaction Scale</i> (API)	63
Anexo D – Instrumento Original: <i>LGBTQ Belongingness Attainment Scale</i> (LGBTQBAS)	64
Anexo E – Instrumento Traduzido: <i>LGBTQ Belongingness Attainment Scale</i> (LGBTQBAS)	65
Anexo F – Escala de Solidão UCLA	66
Anexo G– Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória API.....	67
Anexo H– Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória LGBTQBAS	67
Anexo I– Representação Gráfica das Relações Entre as 3 Variáveis	68
Anexo K– Representação Gráfica das Relações Entre Idade e as 3 Variáveis	70
Anexo L– Análise Fatorial Exploratória Inicial - API.....	72
Anexo M– Comparação de Estrutura entre <i>Audience Persona Interaction Scale</i> Original e Utilizada.....	73

Índice de Tabelas

Tabela 1. API – <i>Eigenvalues</i> e Variância Explicada de 4 Fatores, Pesos Fatoriais e Comunalidade de Itens	34
Tabela 2. LGBTQBAS– <i>Eigenvalues</i> e Variância Explicada de 2 Fatores, Pesos Fatoriais e Comunalidade de Itens	36
Tabela 3. Estatísticas Descritivas e Valores de Assimetria e Curtose de cada Variável.....	37
Tabela 4. Normalidade dos Scores Globais de Cada Escala.....	38
Tabela 5. Correlações Entre as Diferentes Variáveis.....	39
Tabela 6. Modelo de Regressão Linear Simples: Contacto Parassocial e Pertença.....	39
Tabela 7. Estatísticas Descritivas das Variáveis Segundo o Género.....	40
Tabela 8. Estatísticas Descritivas das Variáveis Segundo a Orientação Sexual.....	41
Tabela 9. Teste de Levene para o Género.....	41
Tabela 10. Teste de Levene para a Orientação Sexual	42
Tabela 11. ANOVA para as escalas em relação ao Género e Orientação Sexual (O.S)	42
Tabela 12. Teste de Post-Hoc de Tukey para o Género.....	43
Tabela 13. Teste de Post-Hoc de Tukey para a Orientação Sexual	43
Tabela 14. Correlação entre a Idade e as Diferentes Variáveis.....	44

Índice de Figuras

Figura 1. Diagrama de Trajetórias Escala de Solidão UCLA	37
--	----

Introdução

O contacto parassocial é algo bastante presente na nossa realidade atual e tem começado a ser abordado mais nos últimos anos. Porém, a origem desta temática surgiu há 69 anos, com Horton e Wohl (1956), constando que ao observar ou interagir com um tipo de media que envolva um personagem fictício ou ator a interpretar um papel, um indivíduo pode racionalizar que estes são seus amigos, embora não exista uma relação social com interação recíproca. O contacto unidirecional com estes personagens foi denominado de interação parassocial e várias interações destas eventualmente levam à formação de uma relação parassocial. (Horton & Wohl, 1956). Estas relações têm a capacidade de desenvolver atitudes positivas em relação indivíduos marginalizados, em específico, pessoas transgénero, por parte de pessoas exteriores a essa população. Isto aponta para uma função de validação e identificação positiva destas relações, levantando à possibilidade de terem estas mesmas funções para os próprios sujeitos marginalizados (Zhao, 2016). A exposição constante a diversos tipos de media facilmente nos permite contactar com atores, personagens e figuras mediáticas, abrindo oportunidades para estabelecermos interações e relações novas, fora do contexto pessoal, social e recíproco. (Jarzyna, 2020).

Segundo o jornal Expresso, os crimes de ódio em Portugal aumentaram em 200% nos últimos 5 anos, com 2024 a registar 421 casos (Lusa, 2025). A comunidade LGBTQ+ é uma das minorias mais afetadas por estas ocorrências de violência, aumentando a suscetibilidade destes indivíduos a sofrimento tanto físico como emocional. Esta vulnerabilidade torna cada vez mais fundamental investir na intervenção psicológica na população *queer*, com o intuito de entender que estratégias estes indivíduos procuram para sentirem segurança, validação e pertença que possam não encontrar no seu dia-a-dia, minimizando a sua solidão e isolamento.

Em Portugal, a literatura ainda apresenta pouco aprofundamento tanto sobre o contacto parassocial como a comunidade LGBTQ+ e os seus desafios. Assim, a intersecção de ambos os temas revela uma lacuna substancial a nível da pesquisa. Face a isto, surge esta dissertação com o intuito de desenvolver pesquisa sobre o contacto parassocial, o seu papel na vida da população *queer* portuguesa e como pode influenciar a pertença sentida pela comunidade e os seus sentimentos de solidão.

Revisão de Literatura

Contacto Parassocial

Quando Horton e Whol (1956) descreveram o fenómeno parassocial, destacaram como este tipo de interações são livres de obrigação, esforço ou qualquer tipo de responsabilidade por parte do observador que interage com a personagem ou ator. Isto proporciona um ambiente de fácil acesso para o indivíduo, onde o compromisso é baixo e é possível afastar do contacto a qualquer momento. Estes fatores tornam o contexto parassocial favorável à formação de conexões compensatórias para indivíduos isolados socialmente, marginalizados e com dificuldades de compreensão de normas sociais típicas (Horton & Whol, 1956). É possível concluir que estas relações se mostram associadas a populações mais vulnerabilizadas, devido às suas características mutáveis e customizáveis que permitem a cada pessoa inserir-se num contexto relacional mais facilmente adaptado ao seu conforto.

Diversos autores salientam a distinção entre o conceito de relação e interação parassocial. Uma relação parassocial requer um investimento de longo prazo de ligação entre o público que observa e a media em questão. Já uma interação parassocial consiste num momento de comunicação unidirecional entre quem vê ou interage com a media e a figura de referência, especificamente, durante o momento de consumo de media (Zhao, 2016).

Giles (2002) elaborou sobre as bases teóricas das interações sociais e estabeleceu um modelo de como estas se desenvolvem a partir do primeiro contacto com o objeto da interação. Uma relação parassocial só se desenvolve efetivamente se múltiplas instâncias de interações com a media e a figura em questão ocorrerem, salientando a necessidade de exposição repetida. Seguidamente, o sujeito em questão pode começar a replicar certos comportamentos semelhantes à figura parassocial, inicia discursos sobre esta figura em contextos sociais e, eventualmente, pode criar interações imaginárias entre si mesmo e a figura parassocial. A quantidade de interações em si também afeta a intensidade da possível relação e o seu peso emocional para o indivíduo, influenciando o percurso de construção da relação parassocial.

O contexto parassocial revela-se apelativo para indivíduos particularmente vulneráveis devido a diversas características, incluindo aqueles que carregam consigo traumas que vincaram o seu desenvolvimento emocional. Um indivíduo pode trazer questões emocionais não resolvidas para as suas relações parassociais, criando um espaço seguro dentro da sua imaginação para trabalhar sobre esses ou procurar compreensão, tornando o objeto da relação em algo amigável e seguro (Bernhold & Metzger, 2018). Desde crianças a adultos, a vinculação social afeta a intensidade da nossa conexão com contextos fictícios, pois estes são capazes de proporcionar uma sensação de proximidade social (Bunim, 2024).

Baek e colaboradores (2013) descreveram no seu estudo como indivíduos em redes sociais estabelecem tanto relações sociais com amigos e conhecidos, possuindo contacto e comunicação recíprocos, como também relações parassociais com figuras mediáticas. Uma das principais conclusões retiradas foi como a dependência de relações parassociais está positivamente relacionada com a solidão sentida pelo indivíduo, mostrando que sentimentos mais acentuados de solidão levam a uma procura de conexão através de relações parassociais.

Embora, inicialmente, os estudos sobre interações parassociais se tenham debruçado sobre meios mais tradicionais de comunicação como televisão, rádio e filmes (Horton & Whol, 1956), com o avançar do tempo e o desenvolvimento tecnológico, temos uma quantidade cada vez mais diversificada de meios que proporcionam novas oportunidades para as interações parassociais se formarem, tais como redes sociais, videojogos e plataformas de partilha de vídeo (e.g., *Youtube*). Estes avanços têm vindo a aumentar a diversidade de objetos de fixação com os quais alguém pode estabelecer uma relação parassocial e à medida que determinado objeto se afasta da realidade, menos o indivíduo percebe um possível risco de rejeição dentro desta relação, criando uma maior segurança devido a uma separação mais clara entre realidade e ficção (Bunim, 2024).

É claro como a maior digitalização das nossas vidas permite um aumento geral das interações parassociais. Porém, nos últimos cinco anos é possível observar um crescimento exponencial deste tipo de interações e da população que as procura, devido à pandemia da COVID-19. A quarentena a que a população global foi sujeita durante este período restringiu acentuadamente a capacidade de socialização, o que levou muitos a procurar conexão noutros lugares, tais como as redes sociais ou vendo os seus programas

ou filmes favoritos, com o intuito de preencher a necessidade de conexão (Jarzyna, 2020). Esta restrição social em larga escala criou um déficit a nível emocional, social e psicológico em grandes secções da população global (Rumas et al., 2021). Estas condições contribuem para a procura de conexão e validação através de interações parassociais, tal como referido anteriormente. Este conjunto de características tornou a pandemia da COVID-19 num momento histórico para a compreensão das interações parassociais e o seu papel nas nossas vidas. Knox e colaboradores (2022) relatam como restrições sociais estão associadas a um aumento de solidão. Uma vez que a ausência de contacto social resulta em mais manifestações de solidão, surge a ideia de utilizar tecnologias e meios digitais como meios de intervenção para estes sujeitos, de modo a promover oportunidades de contacto através de meios virtuais, criando a possibilidade de desenvolver e fortalecer identidades sociais e identificação com grupos (Knox et al., 2022; Rumas et al., 2021).

É possível compreender como o contacto parassocial pode ser bastante benéfico para diversos tipos de indivíduos e para diversas situações. Porém, é importante compreender que também podem surgir efeitos adversos devido à exposição em demasia a este tipo de interações. Quando o contacto parassocial se torna excessivo, com o aumento da identificação grupal, começam a surgir níveis de agressão em relação a grupos que se encontram fora do contexto da relação estabelecida (Forner et al., 2025).

Com investimentos emocionais e sociais particularmente elevados, algo que desafie e contrarie a ligação parassocial pode ser interiorizado como uma ameaça que visa destabilizar a segurança, levando a respostas mais hostis (Forner et al., 2025). Também é necessário clarificar que as relações parassociais não substituem relações sociais e recíprocas e essa distinção é fundamental para manter um equilíbrio saudável (Jarzyna, 2020).

Hipótese do Contacto Parassocial

Já foi possível compreender as características base das interações e relações parassociais, como também as circunstâncias favoráveis para estas se desenvolverem, mas é importante perceber o impacto concreto que podem ter e a sua extensão tanto a nível do próprio indivíduo como também ao nível da sua posição para as restantes vertentes da sua esfera relacional.

Para compreender melhor as implicações das interações parassociais, foi proposta a *Parasocial Contact Hypothesis* ou Hipótese do Contacto Parassocial (HCP) (Schiappa et al., 2005).

Esta hipótese surgiu no seguimento da *Intergroup Contact theory/ Contact Hypothesis* de Allport (1954), segundo a qual o contacto intergrupar tem o potencial de melhorar e fortalecer atitudes e comportamentos direcionados a exogrupos. Quando certas condições como estatuto igualitário e objetivos em comum são satisfeitas, este contacto de cariz mais positivo e colaborativo gera alterações positivas nas atitudes intergrupais (Allport, 1954). A *Contact Hypothesis* veio fundamentar inúmeras investigações, com o intuito de observar a sua validade em diferentes tipos de comunidades e contextos sociais. Uma meta análise de 500 estudos incluiu aplicações desta teoria em grupos de minorias étnicas, minorias de género e sexuais, grupos com limitações a nível físico e mental, e revelou uma correlação significativa e negativa entre o contacto e o preconceito, corroborando a teoria (Zhao, 2016).

De acordo com a Hipótese de Contacto Parassocial (HCP), Schiappa e colaboradores (2005) estabeleceram que os benefícios sociais proporcionados por relações interpessoais e recíprocas seriam semelhantes em contexto de contacto parassocial. Em circunstâncias onde indivíduos não possuem disponibilidade de contacto com diversas minorias, diferentes tipos de media criam oportunidades para interação com novos grupos e para o estabelecimento de relações significativas (Schiappa, 2005). A HCP determina que uma maior quantidade de interações parassociais positivas com uma figura representante dum grupo em que o observador não se inclui, resultará numa melhoria geral das atitudes direcionadas ao grupo em questão. O contacto parassocial também permite contornar certas barreiras sociais inerentes a minorias desfavorecidas, criando observações e interações num patamar mais igualitário entre grupos (Hoffner & Bond, 2022).

De acordo com a literatura, as pessoas percebem uma relação parassocial mediada e construída unidireccionalmente de forma semelhante a uma relação social e interpessoal do seu dia-a-dia (Schiappa et al., 2005). O cérebro humano aparenta responder à exposição a diferentes tipos de media de forma semelhante àquela como responde a interações em contexto social (Zhao, 2016). Ao aplicar a HCP, percebe-se que se um sujeito tiver uma experiência positiva ao aprender sobre grupos minoritários através de contacto parassocial, irá ativamente procurar outras oportunidades de contacto

(Schiappa et al., 2005), algo previsto pela teoria de Allport (1954). Schiappa e colaboradores (2005) concluíram como o contacto parassocial positivo tem a capacidade de reduzir preconceito e hostilidade intergrupais, melhorando, conseqüentemente, as atitudes e comportamentos, tornando-se uma mais-valia para quem não tem oportunidades de interagir diretamente com minorias em contexto social e quotidiano.

Seguindo o raciocínio da HCP, é possível entender como o contacto parassocial promove uma melhoria de atitudes e comportamentos. Żerebecki e colaboradores (2024) aprofundaram esta noção, descrevendo como semelhanças profundas (*deep-level similarities*), isto é, a perceção que o observador tem acerca dos traços de personalidade, atitudes e vivências sociais partilhados com personagens ou figuras parassociais, influenciam a sua atitude em relação a grupos minoritários. Os resultados obtidos indicaram que a identificação de semelhanças de personalidade está associada a uma diminuição do preconceito em relação à comunidade LGBTQ+ e, simultaneamente, que as semelhanças profundas estão associadas positivamente com o contacto parassocial positivo e a identificação com personagens LGBTQ+ (Żerebecki et al., 2024).

A Pertença

A pertença é considerada uma necessidade básica do ser humano, tal como descrito por Maslow (1987). Podemos caracterizar a necessidade de pertença como um impulso constante para criar e manter ativamente relações interpessoais, positivas e importantes, uma vez que estar conectado de maneira positiva com outros constitui uma fonte de apoio grupal, de validação e de segurança emocional (Watts & Thrasher, 2023).

Segundo Lee e Robbins (1995), a pertença é um construto multidimensional que engloba três conceitos chave, sendo estes *Companionship* ou Companheirismo, *Affiliation* ou Afiliação e *Connectedness* ou Conexão. O companheirismo consiste numa necessidade de formar ligações, vínculos e relações com outros, minimizando a solidão e fortalecendo a satisfação social. A afiliação refere-se à vontade de socializar com pares, aumentando a autoestima, fortalecer amizades e promover o estabelecimento de redes de apoio social. Por fim, a conexão engloba a necessidade de sentir-se identificado com uma comunidade e incluído nesta, fornecendo um maior bem-estar e diminuindo sintomatologia ansiosa (Lee & Robbins, 1995). Foi com base nesta conceptualização teórica que foi desenvolvida a LGBTQ *Belongingness Attainment Scale* (Murray & Dailey, 2020).

Murray e Dailey (2020) trabalharam o conceito de pertença, constatando que este tem a capacidade de reduzir angústia e desconforto emocional em indivíduos LGBTQ+ devido à frequente marginalização e preconceito sistémico a que são sujeitos. Estas afirmações são corroboradas pelo modelo proposto por Meyer (2003), onde foi teorizado que a pertença pode ser instrumentalizada de modo a combater a solidão, sintomatologia depressiva e ansiosa, uma vez que ligações que validam as vivências LGBTQ+ atenuam pensamentos negativos em relação ao próprio, negação de identidade e rejeição geral (Frost & Meyer, 2023; Murray & Dailey, 2020).

Outra perspetiva apresentada por Allen e colaboradores (2021) prevê que a pertença seja o resultado de interações positivas, e engloba quatro componentes essenciais que se influenciam mutuamente e contribuem para a pertença sentida de cada um. Estes componentes consistem em competências, oportunidades, motivações e perceções. Competências são recursos que permitem criar relações com outros indivíduos, tais como comunicação verbal, regulação emocional e capacidade de aderir a normas sociais, que proporcionam maior pertença. As oportunidades consistem em opções disponíveis que um determinado sujeito pode utilizar para promover pertença, incluindo a existência e acessibilidade a espaços seguros onde se possam criar interações sociais. Salienta-se como populações marginalizadas possuem, tendencialmente, uma menor disponibilidade para sentirem pertença, devido a políticas discriminatórias que reduzem acesso a espaços adequados (Meyer, 2003; Marlin et al., 2022). Seguidamente, as motivações são as necessidades ou desejos de estabelecer contacto com outros, impulsionando um indivíduo a procurar pertença num contexto de comunidade ou a criar um espaço comunitário para satisfazer a necessidade em questão (Allen et al., 2021). Por fim, as perceções de pertença referem-se às crenças individuais de cada um e à influência destas sobre como a sua pertença é sentida, pois mesmo possuindo os três aspetos anteriormente mencionados, um sujeito pode não sentir pertença se as suas ideias subjetivas não forem correspondidas (Marlin et al, 2022).

Elmer e colaboradores (2022) afirmam como uma maior participação ativa na comunidade LGBTQ+, isto é, formando uma rede social de apoio de pares *queer*, contribui para a diminuição de solidão nestes indivíduos. Esta pertença comunitária também se revela protetora do bem-estar psicológico, pois a criação de uma rede de apoio estável aumenta o conforto com a identidade sexual e de género, a validação das

experiências adversas de discriminação e também proporciona um ambiente de aceitação, compreensão e pertença (Bissonette & Szymanski, 2019; Elmer et al., 2022).

Quando estudamos a pertença, particularmente no contexto da comunidade LGBTQ+, é importante entender que esta não é sentida de forma igual por todos os seus membros. Diferentes orientações sexuais e identidades de género são sujeitas a diferentes reações sociais. A literatura salienta que indivíduos bissexuais demonstram angústia e suscetibilidade a stress superior em relação a membros gay ou lésbicos, possivelmente devido a fatores stressores como confusão identitária ou sentimentos de exclusão e marginalização devido a pressão social, resultando em isolamento (Haug, 2018; Pereira, 2021). Podemos concluir que devido a estigmas sociais específicos, diferentes orientações e identidades de género podem apresentar diferentes níveis de isolamento ou solidão, o que conseqüentemente cria variações na pertença sentida de sujeito para sujeito (Gorczyński & Fasoli, 2021). Esta informação salienta como a pertença não é universalmente percebida de forma igual, apresentando distinções consoante as características de cada indivíduo.

Podemos ainda referenciar o estudo de McLaren e colaboradores (2008), que previu a pertença à comunidade LGBTQ+ enquanto fator protetor da solidão e sintomatologia depressiva e, simultaneamente, promotora de níveis de pertença mais elevados à comunidade geral. Embora os resultados corroborem a importância da pertença para indivíduos *queer*, tem sido discutido como a utilização conceptual duma comunidade gay homogénea, neste estudo, limita a interpretação dos seus resultados. Assim, Morris e colaboradores (2015) propuseram que a solidão e a sintomatologia depressiva estariam sob influência de três tipos distintos de pertença, originalmente propostas por Woolwine (2000), sendo estes a pertença à comunidade *queer* geral, a pertença a grupos *queer* comunitários e a pertença a círculos de amizade *queer*, que acabariam por convergir num sentimento de pertença geral à comunidade social. Os resultados sugeriram que níveis mais elevados de pertença em grupos e em contexto de amizade estão associados com maior pertença à comunidade geral, o que, conseqüentemente, revelou estar associado a sintomatologia depressiva e isolamento social reduzidos (Morris et al., 2015).

Podemos concluir como a identidade social é capaz de estimular conexão em contexto intragrupal, promovendo pertença e reduzindo sintomas como a solidão.

A Solidão

Já foi mencionado como o contacto parassocial se revela capaz de reduzir o impacto da solidão e do isolamento de quem o utiliza. Sabendo isto, torna-se importante definir a solidão e o que este estado emocional engloba, como também as suas consequências.

A solidão pode ser considerada como um fenómeno natural, sendo capaz de afetar qualquer pessoa em diversas ocasiões, independentemente da sua etnia, orientação sexual, identidade de género ou idade (Weiss, 1975). A perceção desta emoção é influenciada por crenças sociais, entre as quais consta a ideia de que a solidão é algo que surge de um estado de fraqueza que devia ser facilmente eliminado pelos afetados, visto que não se trata de uma condição física (Weiss, 1975). Tais crenças resultam numa maior dificuldade de aceitar a solidão como uma experiência humana, gerando um maior sofrimento emocional, exacerbando a sua natureza debilitante e contagiosa (Alberti, 2019).

Adicionalmente, Russel e colaboradores (1980) definiram solidão como um estado emocional caracterizado por insatisfação das necessidades sociais de cada indivíduo. Este estado pode ser momentâneo, estando associado a uma vivência em particular, ou pode-se manifestar de forma crónica, resultando em sentimentos de solidão que se instalam de maneira prolongada no tempo (Gorczyński & Fasoli, 2021).

A solidão surge em diversos níveis, tais como emocional ou social (Weiss, 1975). A solidão emocional consiste na ausência de figuras de referência e apoio, resultando em sentimentos de isolamento. Já a solidão social implica a ausência de uma rede social que proporciona sentimentos de pertença e inclusão comunitária. (Elmer et al., 2022; Yanguas et al., 2018).

É importante perceber como este estado emocional é multifacetado, pois inclui diversas manifestações emocionais. Para além de uma sensação generalizada de abandono, relacionada com uma ausência de intimidade, também surge tristeza, frustração, vergonha, angústia ou desespero (Yanguas et al., 2018). Simultaneamente, a experiência individual de cada um, isto é, a perspetiva sobre a qualidade das suas relações sociais irá influenciar a forma como a solidão se manifesta. Esta perspetiva é construída em conjunto com a experiência de vida, sendo moldada pelas interações constantes entre a formação da identidade, personalidade, expectativas e fatores sociais como o contexto socioeconómico (Yanguas et al., 2018).

Em geral, níveis de solidão mais elevados surgem tipicamente em populações sujeitas a condições inadequadas de saúde, que residem em localizações subdesenvolvidas, com estatuto socioeconómico baixo, em situação de desemprego ou em isolamento social, como é o caso de pessoas que residem sozinhas ou são viúvas (Frost & Meyer, 2023; Gorczynski & Fasoli, 2021).

Torna-se claro como a solidão exerce a sua influência de forma substancial. Para entender a extensão dessa influência sobre o ser humano, especialmente a nível da saúde, Cacioppo e Cacioppo (2018) estabeleceram a *Evolutionary Theory of Loneliness* (ETL) ou Teoria Evolutiva da Solidão, que prevê que a solidão tem um impacto duradouro tanto na saúde física como mental, assumindo uma função de sinalização, de maneira semelhante à dor física. Podemos atribuir esta função a uma questão evolucionária, pois já foi profundamente estudado como as conexões sociais são um mecanismo de adaptação primordial da espécie humana, que nos fornecem proteção e segurança, como espécie social (Silk, 2001). Por outras palavras, a escassez de ligações sociais estimula em nós uma sensação de insegurança, fazendo-nos sentir desprotegidos. De modo a enfrentar este isolamento social, a solidão cria um estado de alta vigilância em nós, como um instinto de sobrevivência e de proteção contra uma ameaça, o que conseqüentemente, pode dar origem a expectativas mais negativas sobre o contacto social, reforçando o estado de isolamento (Cacioppo et al., 2014; Hutten et al., 2021). Assim, a presença prolongada da solidão irá potenciar um maior risco a nível da saúde, tanto física como mental (Hutten et al., 2021). Concretamente, maiores níveis de solidão revelam-se como preditores significativos de níveis mais acentuados de ansiedade, depressão, stress e deterioramento geral de saúde mental (Hutten et al., 2021; Richardson et al., 2017).

Em geral, a solidão é algo universal para o ser Humano, mas tal como já foi referido, determinadas pessoas são mais propícias a este estado emocional. Temos como exemplo as minorias sexuais, que em média relatam níveis de solidão substancialmente superiores comparativamente aos seus pares heterossexuais (Gorczynski & Fasoli, 2021). Alguns dos fatores que contribuem para estes níveis de solidão em membros da comunidade LGBTQ+ são baixo apoio familiar, baixo apoio dos seus círculos sociais como, também, baixa conexão com a comunidade LGBTQ+ (Ribeiro-Gonçalves et al., 2021).

É fundamental não separar as vivências características de indivíduos *queer* da solidão que esta população sente, pois surgem aspetos que não se replicam em contextos heteronormativos. Nesta comunidade, a solidão está diretamente associada ao declínio na saúde mental em todas as faixas etárias LGBTQ+ (Gorczyński & Fasoli, 2021; Ribeiro-Gonçalves et al., 2021). A presença significativa de solidão na população *queer* também se mostra associada com questões preocupantes, tais como maior frequência de comportamentos sexuais de risco, menor satisfação com a imagem física, maior predominância de homofobia internalizada, normalmente surgindo de experiências de rejeição e discriminação (Gorczyński & Fasoli, 2021; Ribeiro-Gonçalves et al., 2021; Watts & Thrasher, 2023).

De forma a encontrar estratégias para a proteção da solidão, conceitos como a identidade social tornam-se relevantes, particularmente para comunidades minoritárias. A identidade social consiste numa parte do *self* que se baseia na pertença e identificação com um ou mais grupos sociais (Haslam et al., 2022). A identidade social é capaz de fornecer apoio, significado existencial e pertença. Esta identidade baseia-se no estabelecimento de relações grupais positivas, sendo que estas relações são protetoras de sintomatologia depressiva e de solidão (Haslam et al., 2022).

Minority Stress Model

Até agora, já foram mencionadas, em várias instâncias, minorias e grupos particularmente vulneráveis e é importante percebermos as nuances que caracterizam estas populações.

Em psicologia, a saúde mental não existe num espaço isolado, pois é diretamente influenciada por uma miríade de fatores sociais, culturais e ambientais, tais como falta de empregabilidade, disponibilidade de educação, situações financeiras precárias, discriminação e acesso a sistemas de apoio social (*American Psychiatric Association*, 2025). Populações sujeitas a condições adversas desta natureza encontram-se em risco mais elevado de desenvolvimento de patologia psicológica e agravamento desta (*American Psychiatric Association*, 2025).

Com o intuito de desenvolver sobre os fatores principais que contribuem para uma exposição mais elevada ao stress, surgiu a *Minority Stress Theory* de Meyer (2003). Este modelo teórico contempla como as minorias sexuais e de género, a comunidade LGBTQ+, são mais predispostas a ser expostas a stress devido ao seu estado social

estigmatizado e discriminado, comparativamente à população heteronormativa (Meyer, 2003). O *minority stress*, ou stress minoritário, origina do estigma social e preconceito instalado, distinguindo-se do stress típico que não está necessariamente relacionado com as questões de discriminação sexual ou de género (Meyer, 2003). Tal estigma enfrentado pela população *queer* baseia-se em normas sociais de estereótipos de género, heterossexismo e androcentrismo, isto é, a crença social que considera a masculinidade mais valiosa e superior a feminidade (Mendoza-Perez & Ortiz-Hernandez, 2020).

Meyer (2003) destacou no seu modelo dois tipos de processos stressores, proximais e distais. Stressores distais surgem de indivíduos e/ou instituições que impactam diretamente a comunidade LGBTQ+, seja isto através de legislações e leis discriminatórias, episódios de violência como crimes de ódio, stressores crónicos como pobreza acentuada ou micro-agressões. Já os stressores proximais surgem devido a processos de socialização longos onde pessoas LGBTQ+ começam a negar a sua identidade *queer*, gerando o estigma internalizado, coloquialmente chamado de homofobia internalizada. Isto pode, conseqüentemente, levar a uma repressão da identidade de género e sexual como mecanismo de defesa contra o stress, que pode revelar-se benéfica em determinados contextos, mas, simultaneamente, limita a acessibilidade a mecanismos de apoio social (Frost & Meyer, 2023; Meyer, 2003).

Watts e Thrasher (2023) verificaram, no seu estudo, que sujeitos transgénero ou cuja expressão de género desafia o conceito heteronormativo, apresentam níveis de depressão e ansiedade significativamente mais elevados do que a população geral, e, comparativamente a membros da comunidade cisgénero, apresentam riscos mais elevados de desenvolvimento de patologias mentais, associados a stressores de minorias específicos tais como transfobia e discriminação baseada em identidade de género (Frost & Meyer, 2023; Watts & Thrasher, 2023)

Uma vez que já foi estabelecido como populações particularmente vulneráveis, tais como a comunidade LGBTQ+, tendem a procurar o contacto parassocial em busca de conexão, validação e identificação, e a HCP prevê que este mesmo contacto proporciona o desenvolvimento de atitudes mais favoráveis em relação a exogrupos, levanta-se a questão central desta dissertação: Será que estas minorias e grupos vulneráveis e marginalizados podem utilizar interações e relações parassociais como uma

ferramenta de modo a reduzirem os seus sentimentos de solidão e para fortalecerem a sua pertença ao grupo onde se inserem.

A comunidade LGBTQ+

Como visto anteriormente, as minorias apresentam características que proporcionam uma maior afinidade ao contacto parassocial, e dentro destas minorias, decidiu-se destacar a comunidade LGBTQ+. Esta comunidade engloba todos os indivíduos cuja identidade de género e sexual cai fora do contexto heteronormativo da heterossexualidade e cisgénero. De entre estas identidades estão incluídos gays, lésbicos, bissexuais, transgéneros, assexuais e qualquer identidade *queer*, sendo este um termo guarda-chuva para incluir tudo fora das designações heteronormativas (Browne, 2019). Comparativamente, a heteronormatividade refere-se ao conceito de heterossexualidade enquanto orientação sexual normativa e reconhece somente a designação binária de género, masculino e feminino (Joyce, 2015).

Historicamente, a comunidade LGBTQ+ tem sido alvo de constante escrutínio, julgamento, preconceito e discriminação, sendo os seus membros considerados como desviantes das normas sociais por não corresponderem aos padrões de género e sexualidade socialmente expectáveis (Browne, 2019). Isto coloca esta população em risco mais elevado de sofrimento a nível da saúde mental, o que proporcionou, em parte, a sua eleição para tópico desta dissertação.

Em Portugal, a comunidade LGBTQ+ já veio a adquirir um conjunto fundamental de direitos indispensáveis para a sua segurança e igualdade a nível social. Porém, relatos pessoais, vivências do quotidiano e o clima político sentido apontam para realidades ainda preocupantes. O *Rainbow Map* (ILGA-Europe, 2025) é uma ferramenta que reúne estatísticas sobre desenvolvimentos legislativos relacionados com os direitos humanos LGBTQ+ em 49 países europeus, onde percentagens mais elevadas apontam para respeito total dos direitos humanos e percentagens mais baixas são indicadores de violações graves de direitos humanos e discriminação. A versão de 2025 atribui a Portugal um *score* de 66%, acima da média da União Europeia de 51%, o que é um indicador positivo (ILGA-Europe, 2025). No entanto, Portugal está dentro da lista de países cujas percentagens reduziram comparativamente a 2024, tais como Reino Unido, Hungria e Geórgia (ILGA-Europe, 2025). Embora a descida de Portugal tenha sido somente de 1%, em conjunto com os outros países que apresentaram um decréscimo na sua percentagem, estes dados

revelam uma tendência preocupante de redução de direitos LGBTQ+ em simultâneo com o avanço notável de políticas de extrema-direita no território europeu e global (ILGA-Europe, 2025).

Podemos observar também os dados do EU LGBTIQ *Survey* III, que reúne respostas de mais de cem mil participantes LGBTQ+ de trinta países diferentes, incluindo os 27 membros da União Europeia, Albânia, Macedónia do Norte e Sérvia (*European Union Agency for Fundamental Rights*, 2024). Em Portugal, 47% dos respondentes sentem-se confortáveis em conversar abertamente sobre identificarem-se como LGBTQ+, estando ligeiramente abaixo da média europeia de 51%, enquanto 74% declara ter sofrido *bullying*, discriminação, ameaças ou insultos pela sua identidade LGBTQ+, o que se mostra significativamente acima da média europeia de 67% (*European Union Agency for Fundamental Rights*, 2024). Em média, Portugal encontra-se num nível relativamente semelhante ao patamar europeu, com casos onde se mostra menos favorável, como os exemplos anteriores, e outros mais favorável como na percentagem de indivíduos que sofreram agressões físicas nos últimos cinco anos estando em 8%, comparativamente à média europeia de 13% (*European Union Agency for Fundamental Rights*, 2024).

Portugal mostra-se mais acolhedor para a comunidade LGBTQ+ que muitos dos países europeus, mas a realidade vivida ainda está longe do ideal para a maioria dos portugueses *queer*. Homens gays são mais abertamente afetados por discriminação e atos de homofobia, em comparação com mulheres lésbicas, particularmente por parte de outros homens cujas crenças sobre género e orientação sexual se alinham com ideologia conservadora (Neves et al., 2019). Ainda é bastante presente uma cultura de julgamento e preconceito perante esta população. Indivíduos relatam memórias e experiências onde foram sujeitos a homofobia, em diversos contextos e, adicionando o crescimento da ideologia conservadora a nível governamental durante os últimos anos, tal tem levantado preocupações e suscitado sentimentos de medo e ansiedade entre os membros da comunidade, colocando-os numa posição mais vulnerável a questões de saúde mental (Craveiro et al., 2021). Torna-se imperativo olhar para esta população cada vez mais, mobilizar intervenção psicológica e investir em pesquisa que procure entender a que estratégias e mecanismos os membros da comunidade LGBTQ+ recorrem, de modo a fortalecer a capacidade de resposta a nível da psicologia.

O Parassocial e a *Queerness*

Uma vez que já desenvolvemos sobre as temáticas do contacto parassocial e da comunidade LGBTQ+ em separado, resta-nos averiguar sobre a sua ligação.

Ao pesquisar sobre a existência de literatura para estes tópicos, rapidamente ficou claro que a pesquisa portuguesa ainda não investiu substancialmente sobre estas temáticas. Em anos recentes temos visto algum surgimento de estudos sobre o contacto parassocial como Ferreira e colaboradores (2024) que se debruçaram sobre a funcionalidade das interações parassociais como estratégia de comunicação no âmbito de *marketing*, sendo esta uma abordagem diferente do que se procurava para esta dissertação. A literatura LGBTQ+ é um ramo que tem vindo a crescer bastante, com organizações como a Associação ILGA Portugal que, desde 1995, visa estabelecer programas não só de apoio social como de investimento e disseminação de conhecimento e literatura científica *queer* em Portugal (ILGA Portugal, 2020). Para a pesquisa portuguesa, a junção das duas temáticas ainda é extremamente recente o que deixa um espaço amplo para investimento neste tipo de estudos, o que se tornou num dos fatores motivacionais principais para a realização desta dissertação.

A literatura mostra-nos como indivíduos LGBTQ+ não se reúnem com os seus pares presencialmente com a mesma frequência que indivíduos heteronormativos, recorrendo mais a meios digitais (Peterson et al., 2020). Assim, existe uma maior possibilidade de utilizar o contacto parassocial como forma de estabelecer ligações satisfatórias e fomentar a pertença, e em paralelo, minimizar a sintomatologia depressiva (Jarzyna, 2020; Schiappa et al., 2005).

Alguns autores já investigaram sobre a maneira como a comunidade *queer* interage com conteúdo parassocial e as nuances que surgem neste contexto. McCutcheon e colaboradores (2021) estudaram a associação entre a solidão e o interesse em celebridades e identificaram maiores níveis de solidão em participantes LGBTQ+ comparativamente aos participantes heterossexuais. Consequentemente, estes níveis de solidão mais elevados corresponderam a uma maior intensidade de ligação às celebridades, apontando para indivíduos LGBTQ+ possuírem maior predisposição para o contacto parassocial (McCutcheon et al., 2021), devido à sua vulnerabilidade inerente a stressores (Meyer, 2003).

Um aspeto a considerar sobre as interações e relações parassociais é que estas podem facilitar a exploração de identidade e desenvolvimento pessoal, algo fundamental na construção identitária LGBTQ+. Hoffner e Bond (2022) elaboram sobre esta exploração de identidade, dando o exemplo das redes sociais permitirem que os seus utilizadores experimentem diferentes identidades, cuidadosamente construindo um perfil com características livremente mutáveis e, simultaneamente, oferecerem oportunidades de estabelecer contacto parassocial com outros utilizadores e figuras públicas, estimulando um ambiente de desenvolvimento pessoal. As redes sociais também são um bom exemplo de uma plataforma que proporciona uma maior visibilidade à comunidade LGBTQ+ e aos seus membros, o que, só por si, tem a possibilidade de melhorar a perceção desta população, tanto para pessoas que se autoidentifiquem, como para quem não teria o mesmo acesso a interagir com esta população noutros contextos (Gonta et al., 2017; Schiappa et al., 2005)

O Presente Estudo

Foi possível concluir que existem ainda lacunas na literatura portuguesa relativamente à temática do contacto parassocial na população LGBTQ+. Embora cada vez mais surja pesquisa a debruçar-se sobre a comunidade *queer* e a sua experiência com a solidão, adversidades e pertença (Henriques & Pereira, 2024; Ribeiro-Gonçalves et al., 2021), o contacto parassocial ainda revela escassez em termos de pesquisa, sendo que a literatura referente ao contacto parassocial na comunidade LGBTQ+ portuguesa se revelou quase inexistente. Assim, surge esta dissertação, com o intuito de proporcionar um aumento na investigação nestes tópicos ainda pouco desenvolvidos, para entender como o contacto parassocial é utilizado nesta comunidade, e se este se revela importante no desenvolvimento de sentimentos de pertença e na proteção de sentimentos de solidão.

O objetivo principal desta dissertação consiste, então, em perceber o papel do contacto parassocial na comunidade LGBTQ+ portuguesa, procurando entender se existe uma ligação entre este tipo de contacto e a pertença que é sentida pelos membros desta população, de modo a clarificar se contacto parassocial é um recurso de fortalecimento de identidade e se a solidão pode ser minimizada através destes processos.

Tendo esclarecido o objetivo, foram elaboradas as seguintes hipóteses a testar, fundamentadas pela literatura atual.

Hipótese 1: O contacto parassocial é um preditor positivo significativo do sentimento de pertença à comunidade LGBTQ+, de tal modo que pontuações mais elevadas do contacto predirão pontuações mais elevadas da pertença.

Hipótese 2: A pertença à comunidade LGBTQ+ é um preditor negativo significativo do da solidão, de tal modo que pontuações mais elevadas de pertença predirão pontuações mais reduzidas de solidão.

Hipótese 3: A solidão é um preditor positivo significativo do contacto parassocial, de tal modo que pontuações mais elevadas de solidão predirão pontuações mais elevadas do contacto.

Método

Delineamento

O presente estudo é de natureza analítica, correlacional, quantitativa e transversal, pois os dados foram recolhidos numa única instância. Cada participante foi exposto a todos os itens constituintes do questionário, em ordem igual, não existindo variação na apresentação do conteúdo (Marôco, 2010).

Participantes

Num momento inicial, foram reunidos 209 participantes, tendo sido necessário excluir 105 participantes devido a não concluírem o preenchimento do questionário, ou por terem idade inferior a 18 anos ou por se identificarem como cisgénero e heterossexuais. Assim, o estudo contou com a colaboração de 104 participantes válidos que concluíram na totalidade o questionário apresentado, correspondendo a todos os requisitos. As idades dos participantes encontram-se distribuídas entre os 18 anos e os 50 anos ($M = 24.61$; $DP = 5.218$).

Em termos de identidade de género, 15 participantes (14,4%) identificaram-se como Masculino Cisgénero; 56 (53,6%) como Feminino Cisgénero, 11 (10,6%) como Masculino Transgénero, 4 (3,8%) como Feminino Transgénero, 13 (12,5%) como Não-Binário, 2 (1,9%) como Género Fluido e 3 (2,9%) seleccionaram a opção Outro (Demigirl; She/They; Nenhum).

Olhando para a dimensão da sexualidade/orientação sexual, a maioria dos participantes identificaram-se como Bissexual, sendo o número 38 (36,5%). Quanto às opções Lésbico e Pansexual, ambas contaram com 22 participantes, correspondendo a

21,2% da amostra. Das restantes sexualidades registadas, 13 (12,5%) identificaram-se como Gay, 3 (2,9%) como Assexual e 3 (2,9%) selecionaram a opção Outro (Demissexual; *Queer*; Homo-assexual).

Entre os tipos de media que os participantes podiam assinalar, as opções mais selecionadas foram Séries, com 90 participantes (86,5%) e Filmes com 88 (84,6%).

Os participantes também responderam a uma questão sobre a quantidade de tempo que tiveram de exposição aos tipos de media relatados, em anos ($M=15.61$, $DP=6.336$) e a frequência semanal com que interagem com estes, em dias ($M=5.73$, $DP=1.957$) com o intuito de melhor caracterizar a incidência do contacto parassocial.

A dimensão da amostra foi calculada com o *software* G*Power. Considerando a utilização da correlação de Pearson entre duas variáveis, com uma dimensão média de efeito ($d = 0.3$) e uma probabilidade de erro $\alpha = .05$, para uma potência de 0.80 (Cohen, 1992), seria necessário um total mínimo de 84 participantes. Em conjunto, considerou-se importante abordar entre 5 e 10 participantes por item, num total mínimo de 100, segundo o critério empírico (Nunnally, 1978).

A amostra deste estudo caracteriza-se como não probabilística, por conveniência. Os critérios de inclusão estabelecidos consistiram na idade dos participantes ser igual ou superior a 18 anos, identificarem-se com pelo menos uma designação da comunidade LGBTQ+ e possuírem compreensão da língua portuguesa.

Instrumentos

Para a realização deste estudo, foi elaborado um questionário constituído por 5 componentes principais: consentimento informado, questionário sociodemográfico, e os três instrumentos: *Audience Persona Interaction Scale*, *LGBTQ Belongingness Attainment Scale* e Escala de Solidão UCLA.

Questionário Sociodemográfico

De modo a recolher informação necessária para caracterizar a nossa amostra, foi elaborado um questionário sociodemográfico personalizado para o estudo atual. Foram inseridas múltiplas questões referentes à idade, identidade de género, orientação sexual, tipos de media que o participante costuma consumir/interagir, como também a duração, frequência e início deste consumo/interação.

Audience Persona Interaction Scale (API)

A API surgiu devido a uma necessidade de desenvolver um instrumento de medição multidimensional de interação parassocial (Auter & Palmgreen, 2000). Os autores procuraram obter uma resposta perante a questão do desenvolvimento de interações parassociais ao longo do tempo através de exposição contínua. Assim, desenvolveram uma escala com 22 itens que medem interações parassociais ($\alpha = .84$) dividindo as medições em quatro fatores distintos, sendo estes: *Identification with Favorite Character* ou Identificação com Personagem Favorita, composto pelos itens 1, 2, 3, 4, 5 e 6 ($\alpha = .82$) (e.g., *My favorite character reminds me of myself*), *Interest in Favorite Character* ou Interesse na Personagem Favorita, composto pelos itens 7, 8, 9, 10, 11 e 12 ($\alpha = .81$) (e.g., *I care about what happens to my favorite character*), *Group Identification/Interaction* ou Interação/Identificação Grupal, composto pelos itens 13, 14, 15, 16, 17 e 18 ($\alpha = .73$) (e.g., *My friends are like the other characters*) e *Favorite Character Problem Solving Abilities* ou Capacidade de Resolução de Problemas da Personagem Favorita, composto pelos itens 19, 20, 21 e 22 ($\alpha = .70$) (e.g., *I usually agreed with my favorite character*). Este instrumento está estruturado numa escala tipo Likert de 5 pontos, variando desde 1- *discordo fortemente* a 5- *concordo fortemente*, não existindo nenhum item cuja cotação seja inversa.

A pontuação da escala pode variar entre o valor mínimo de 22 e o valor máximo de 110 pontos, onde pontuações mais elevadas revelam mais interações parassociais estabelecidas.

Uma vez que a escala API nunca foi formalmente traduzida e adaptada para uma população portuguesa, decidiu-se desenvolver uma tradução do instrumento, como também a sua respetiva retroversão, de modo a garantir a fidedignidade do conteúdo e uma compreensão clara. Este processo foi assegurado por dois indivíduos independentes duplamente fluentes na língua portuguesa e na língua inglesa. Após apresentada à orientadora, esta tradução foi aprovada e procedeu-se à sua utilização.

LGBTQ Belongingness Attainment Scale (LGBTQBAS)

A LGBTQBAS é uma escala de 18 itens e foi desenvolvida com o propósito de originar uma medição subjetiva, multidimensional, do sentimento de pertença de pessoas que se identificam com os rótulos englobados pela comunidade LGBTQ+ (Murray & Dailey, 2020).

A escala ($\alpha = .95$) consiste em três fatores relacionados com a medição principal, sendo estes *Connectedness* ou Conexão, composto pelos itens 1, 4, 7, 10, 13 e 16 ($\alpha = .99$) (e.g., *You feel the problems and challenges of the LGBTQ community have an impact on you*), *Affiliation* ou Afiliação, composto pelos itens 2, 5, 8, 11, 14 e 17 ($\alpha = .96$) (e.g., *You enjoy socializing with other LGBTQ individuals*) e *Companionship* ou Companheirismo, composto pelos itens 3, 6, 9, 12, 15 e 18 ($\alpha = .60$) (e.g., *You feel emotionally supported by a close friend or companion*). As respostas são dadas em escalas tipo Likert de 6 pontos, variando desde 1 = *discordo fortemente* a 6 = *concordo fortemente*, não existindo nenhum item cuja cotação seja inversa (Murray & Dailey, 2020).

A pontuação da escala que visa a medição principal de Pertença pode variar entre o valor mínimo de 18 e o valor máximo de 108 pontos, onde pontuações mais elevadas revelam um maior sentimento de pertença de indivíduos LGBTQ+.

Sendo que a escala LGBTQBAS não apresenta uma versão traduzida para a língua portuguesa nem tenha sido ainda oficialmente adaptada para esta população, procedeu-se ao desenvolvimento de uma tradução do instrumento, como também a sua respetiva retroversão, de modo a garantir a fidedignidade do conteúdo e uma compreensão clara. Este processo foi assegurado por dois indivíduos independentes duplamente fluentes na língua portuguesa e na língua inglesa. Uma vez apresentada à orientadora, e ter sido feita uma análise cuidadosa, esta tradução foi aprovada e avançou-se com a sua utilização.

University of California, Los Angeles (UCLA) Loneliness Scale/ Escala de Solidão UCLA

A escala UCLA foi desenvolvida com o propósito de estabelecer uma medição de solidão e de a estudar mais aprofundadamente enquanto experiência psicológica distinta (Russel et al., 1980). Os autores foram aprimorando a escala UCLA e chegaram a uma escala unidimensional com 20 itens, apresentando uma consistência interna de $\alpha = 0.94$. Este instrumento está estruturado numa escala tipo Likert de 4 pontos ancorada em 1- *Nunca* e 4- *Frequentemente* e a pontuação total varia entre um mínimo de 20 e um de máximo 80 pontos, onde scores mais elevados apontam para sentimentos de solidão mais intensos.

Para este estudo, optámos pela utilização da versão traduzida e validada para a população portuguesa, desenvolvida por Pocinho e colaboradores (2010). Os autores

desta versão decidiram basear-se numa versão da escala onde todos os itens estavam estruturados de forma negativa, pois isto revelou ser mais facilmente compreendido para a população em questão.

Ao averiguar a fidedignidade global e a consistência interna da escala, os autores concluíram que a remoção de 4 dos itens originais (itens 3, 6, 14 e 20) se mostrava benéfica e mais vantajosa para a fidedignidade global do instrumento. Ficou estabelecida a estrutura da UCLA-16 ($\alpha = .90$). Também foi decidido manter uma estrutura com dois fatores, pois esta revelou melhores qualidades psicométricas. Os dois fatores foram o Isolamento Social, composto pelos itens 7, 8, 9, 10, 12, 13, 15, 16, 17, 18 e 19 ($\alpha = .87$) (e.g., *Sente-se isolado das outras pessoas*) e Afinidades, composto pelos itens 1, 2, 4, 5 e 11 ($\alpha = .81$) (e.g., *Sente-se infeliz por fazer muitas coisas sozinho*) (Pocinho et al., 2010).

Assim, a escala de solidão UCLA passou a possuir 16 itens, com scores variáveis entre um mínimo de 16 e um máximo de 64, sendo que scores mais elevados apontam para maiores níveis de solidão sentida pelo indivíduo. Ao averiguar em conjunto com a orientadora, foi decidido alterar a linguagem do item 8: “*Não se sente íntimo de qualquer pessoa*” para “*Não se sente íntimo de ninguém*”, de forma a facilitar a compreensão da linguagem e da fluidez da escrita.

Procedimento

O questionário foi elaborado através da plataforma *Qualtrics XM*. A distribuição e divulgação deste questionário consistiu em duas formas distintas. Num primeiro momento, o *link* com hiperligação para o questionário foi distribuído através de diversas plataformas digitais e redes sociais, tais como *WhatsApp*, *Instagram*, *Facebook*, *Reddit*, *X* (anteriormente *Twitter*) e *Discord*. Também foram distribuídos, em meio físico, panfletos descritivos com a informação essencial do estudo atual, com um código QR que reencaminhava para o questionário, partilhados em locais como universidades, negócios gerenciados por indivíduos da comunidade LGBTQ+ e eventos públicos. Os panfletos foram elaborados devido a dificuldades demarcadas na recolha de participantes exclusivamente *online*.

O primeiro contacto dos participantes foi feito através do consentimento informado, onde foi descrito em detalhe o objetivo do estudo, a duração da participação como também o assegurar da confidencialidade da informação disponibilizada por cada um e a natureza voluntária e opcional de todo o processo. Após concordar em participar

neste estudo, foram apresentadas as questões do questionário sociodemográfico. Seguiu-se o preenchimento das três escalas utilizadas no estudo, começando pela escala *Audience Persona Interaction* (API), depois a *LGBTQ Belongingness Attainment Scale* (LGBTQBAS) e por fim a Escala de Solidão UCLA. A ordem de apresentação das escalas foi idêntica para todos os participantes. Após preenchidas todas as questões, cada participante deparou-se com uma frase de agradecimento e com o endereço de email académico do aluno que poderia contactar caso surgissem dúvidas ou procurasse qualquer tipo de informação adicional.

A recolha de dados decorreu desde março e junho de 2025.

Análise de Dados

Para as análises estatísticas foram empregues dois Softwares, o IBM SPSS Statistics (v. 30; SPSS Inc., Chicago, IL), o jamovi (v.2.6) [Computer Software] e Macro PROCESS (versão 4.3; Hayes & Rockwood, 2017).

Foi necessário analisar as qualidades psicométricas dos diversos instrumentos utilizados, através de Análises Fatoriais Exploratórias (AFE) para as escalas API e LGBTQBAS e Análises Fatoriais Confirmatórias (AFC) para a Escala de Solidão UCLA para analisar a validade e o alfa de cronbach para a consistência interna ($\geq .70$) (Nunnally, 1978). Foram realizadas estatísticas descritivas de todas as variáveis. Foram utilizados coeficientes de Correlação de Pearson e de Spearman para testar as relações entre as variáveis, confirmando os pressupostos necessários, aceitando os valores descritos por Kline (2016) como não violações severas. Também foram utilizadas ANOVAs *one-way* para averiguar a existência de diferenças significativas, como o teste post-hoc de Tukey para identificar os grupos específicos. Ainda foi realizada uma análise de mediação segundo o modelo 4 de Hayes e Rockwood (2017), para averiguar se a relação entre o contacto parassocial e a solidão seria mediada pela pertença. Salienta-se a dimensão reduzida da amostra (104 participantes) que requer todo o cuidado na interpretação dos resultados obtidos.

Resultados

Análise das Qualidades Psicométricas das Escalas

Análise Fatorial Exploratória- Audience Persona Interaction Scale (API)

Primeiramente, calcularam-se os valores de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett. O KMO apresentou um valor adequado (KMO= .08), e o teste de esfericidade de Bartlett confirma que as variáveis estão correlacionadas significativamente, $\chi^2 (231) = 836.52, p < .001$, ou seja, a análise fatorial exploratória é adequada.

Inicialmente, foram extraídos três fatores, pelo método das componentes principais, mas estes revelaram uma distribuição de itens pouco favorável e desequilibrada, com certos itens a nem demonstrarem valores significativos em qualquer fator (Marôco, 2018) (Anexo L). Com isto, decidiu-se forçar o número de fatores da escala, para corresponder aos quatro originais. Foi utilizada a rotação Varimax, com o peso fatorial mínimo de 0.5, com base nos critérios descritos por Marôco (2018): *Eigenvalue* superior a 1, percentagem da variância explicada e análise do *scree plot* (Anexo G). Esta abordagem apresentou uma distribuição de itens por fator mais favorável e equilibrada, com uma variância total explicada de 52%, tendo sido então aceite como a melhor opção.

O primeiro fator, Capacidade de Resolução de Problemas da Personagem Favorita, é consistido pelos itens 19, 20, 21 e 22. Já o segundo, Interesse na Personagem Favorita, é composto pelos itens 7, 8, 10, 11 e 17. O terceiro fator, Identificação com Personagem Favorita, contém os itens 1, 2, 3, 5 e 6. Por fim, o quarto fator, Interação/Identificação Grupal, ficou com os restantes itens 4, 13, 14 e 15. A observação dos resultados permitiu verificar que os itens 9 (“*Eu gostei de tentar prever o que a minha personagem favorita faria.*”), 12, (“*Eu gosto de ouvir a voz da minha personagem favorita.*”), 16 (“*Eu gostaria de interagir com as outras personagens e os meus amigos ao mesmo tempo.*”) e 18 (“*Consigo relacionar-me com as atitudes das outras personagens*”) não apresentavam uma ponderação adequada nos fatores encontrados. Consultando os autores da escala, podemos observar que os itens 9 e 12 se enquadrariam no segundo fator, Interesse na Personagem Favorita, enquanto os itens 16 e 18 estariam no terceiro fator, Identificação/Interação Grupal (Auter & Palmgreen, 2000). Nesta AFE, os itens mencionados não apresentaram pesos fatoriais acima de 0.5. Os seus maiores valores podem ser observados na Tabela 1, e mostram-se associados a fatores diferentes

do artigo original. Para além de os valores não se revelarem adequados, as bases teóricas de Auter e Palmgreen (2000) indicam que estes não se aparentam significativamente relacionados entre si, tornando a sua distribuição insatisfatória, o que levou à decisão de remover os itens 9, 12, 16 e 18 da escala (Anexo M).

Partiu-se para o cálculo dos níveis de consistência interna de cada um dos fatores, assim como da escala total. O primeiro fator apresentou uma boa consistência interna com $\alpha=.833$, enquanto o segundo fator apresentou um nível de consistência interna adequado ($\alpha=.70$), assim como o terceiro ($\alpha=.78$) e o quarto fator ($\alpha=.68$). Já a escala na sua totalidade apresentou uma boa consistência interna ($\alpha=.84$) (Nunnally, 1978).

Após esta análise, ficámos com uma escala constituída por 18 itens, face aos 22 originais, onde agora os scores podem variar entre um mínimo de 18 pontos e um máximo de 90 (Anexo M).

Tabela 1

API – Eigenvalues e Variância Explicada dos Quatro Fatores, Pesos Fatoriais e Comunalidade dos Itens

Itens	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4	Comunalidade
1	-.14	.36	.74	.11	.71
2	.18	.16	.64	.24	.53
3	.25	.07	.57	.24	.45
4	-.22	.07	.25	.66	.55
5	.17	.01	.66	.18	.50
6	-.09	.10	.79	.17	.68
7	-.10	.73	-.08	.24	.61
8	-.13	.69	.11	.01	.55
9	.060	.45	.11	.14	.24
10	.33	.56	.13	-.12	.46
11	.23	.62	.18	.02	.48
12	.27	.41	.07	.12	.26
13	.27	.25	.22	.59	.54
14	.12	-.01	.31	.57	.43
15	.15	.13	.18	.69	.54
16	.19	.41	.12	.47	.44
17	.28	.50	.03	.43	.51
18	.26	.36	.19	.20	.25
19	.81	.13	-.11	.35	.81
20	.87	.06	.08	.02	.76
21	.73	.10	.04	.20	.58
22	.69	.17	.31	-.11	.61
<i>Eigenvalue</i>	5.88	2.43	1.79	1.34	
Variância Explicada	14.45%	13.24%	12.97%	11.34%	

Nota. Os itens com pesos fatoriais superiores a 0,5 estão destacados a negrito.

Análise Fatorial Exploratória- LGBTQ Belongingness Attainment Scale

A validade da AFE foi baseada no critério de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e no teste de esfericidade de Bartlett. O KMO apresentou um bom valor (KMO = .88), o teste de esfericidade de Bartlett sustenta a validade da AFE, $\chi^2 (153) = 1445.59, p < .001$. No próximo passo, foram extraídos dois fatores, pelo método das componentes principais. É importante clarificar como a escala original apresentava 3 fatores distintos, Conexão, Afiliação e Companheirismo (Murray & Dailey, 2020). No entanto, os dois fatores

obtidos na AFE apresentaram valores de consistência interna bons e uma distribuição de itens equilibrada, como será demonstrado a seguir, levando a concluir que o primeiro fator resultou da junção dos dois fatores originais Conexão e Afiliação, enquanto o segundo fator se manteve com uma estrutura de itens idêntica ao fator Companheirismo da escala original. Assim, decidiu-se prosseguir com a solução de dois fatores. Seguidamente partiu-se para a rotação Varimax, com o peso fatorial mínimo de 0.5, com base nos critérios descritos por Marôco (2018): Eigenvalue superior a 1, percentagem da variância explicada e análise do *scree plot* (Anexo H).

Após uma análise detalhada, obteve-se uma divisão adequada de itens pelos 2 fatores. O primeiro fator, Socialização, é consistido pelos itens 1, 2, 4, 5, 7, 8, 10, 11, 13, 14, 16 e 17. Já o segundo, Companheirismo, é composto pelos itens 3, 6, 9, 12, 15 e 18. Os 2 fatores extraídos mostram uma variância explicada total de 66.10%.

Seguidamente, foi calculada a consistência interna, tendo-se encontrado bons indicadores, tanto para a escala total ($\alpha = .90$), como para cada um dos fatores: Fator 1 ($\alpha=.94$), Fator 2 ($\alpha=.93$) (Nunnally, 1978).

Após esta análise, a escala manteve a sua estrutura igual à original, sem ser necessário alterar ou remover qualquer item.

Tabela 2

LGBTQBAS – Eigenvalues e Variância Explicada de 2 Fatores, Pesos Fatoriais e Comunalidade de Itens

Itens	Fator 1	Fator 2	Comunalidade
1	.56	.14	.34
2	.78	.02	.61
3	.08	.90	.82
4	.83	.03	.69
5	.83	-.05	.69
6	-.03	.84	.70
7	.72	.03	.53
8	.78	-.11	.62
9	.05	.85	.72
10	.79	.06	.62
11	.85	.14	.74
12	.10	.90	.82
13	.86	.01	.74
14	.76	-.07	.59
15	-.08	.90	.82
16	.80	.04	.64
17	.72	.16	.54
18	.11	.81	.67
<i>Eigenvalue</i>	7.363	4.534	
Variância Explicada	40.45%	25.65%	

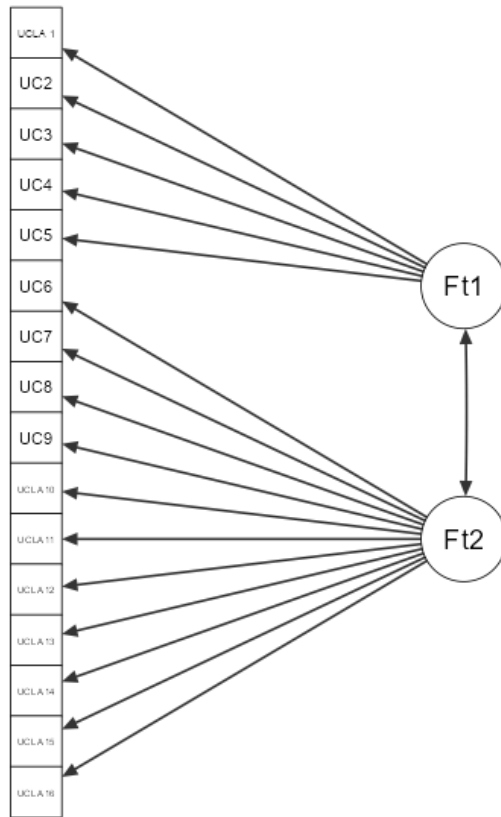
Nota. Os itens com pesos fatoriais superiores a 0,5 estão destacados a negrito.

Análise Fatorial Confirmatória- Escala de Solidão UCLA

A versão portuguesa da escala segue uma estrutura bifatorial (Pocinho et al., 2010) e esta revelou índices de ajustamento satisfatórios ($\chi^2 = 185$; g.l.= 103; $p < .001$) e (CFI = .92; TLI = .91; RMSEA= .09). O fator Isolamento Social é composto pelos itens 1, 2, 4, 5 e 7. O segundo, fator Afinidades, é composto pelos itens 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18 e 19 (Figura 1). Os resultados revelaram valores de consistência interna bons, tanto para a escala total, $\alpha=0.95$, como para os fatores Isolamento Social, $\alpha=0.88$, e Afinidades, $\alpha=0.92$.

Figura 1

Diagrama de Trajetórias Escala de Solidão UCLA



Estatísticas Descritivas

Foram calculadas as estatísticas descritivas e os valores de assimetria e curtose de cada variável medida (Tabela 3). Os valores de assimetria e curtose encontram-se dentro dos valores relatados por Kline (2016) sendo estes assimetria $\leq |3|$ e curtose $\leq |10|$. Foi possível determinar que os participantes do presente estudo apresentaram níveis medianos de contacto parassocial/interações parassociais, elevados de pertença e médios de solidão.

Tabela 3

Estatísticas Descritivas e Valores de Assimetria e Curtose de cada Variável

Variável	<i>M</i>	<i>DP</i>	Min	Máx	Assimetria	Curtose
Interações Parassociais	62.12	9.78	35	88	-.31	.001
Pertença	92.09	11.88	57	108	-.77	-.03
Solidão	38.46	11.45	16	64	.17	-.64

Teste de Hipóteses

Começou-se por analisar a relação entre cada uma das variáveis. Para isto, considerou-se a utilização da opção paramétrica coeficiente de correlação de Pearson. Foram testados os pressupostos de normalidade e de linearidade para cada uma das variáveis. Apenas o score total da escala LGBTQBAS não apresentou normalidade ($p < .005$), de acordo com o teste Kolmogorov-Smirnov (Tabela 4), não constituindo qualquer problema devido aos valores de assimetria e curtose. Porém, nem todas as representações gráficas das relações entre cada variável se revelaram lineares (Anexo I), o que levou ao uso da opção não paramétrica do coeficiente de correlação de Spearman para as correlações entre a Pertença e Solidão, e Interações Parassociais e Solidão.

Tabela 4

Normalidade dos Scores Globais de Cada Escala

	Kolmogorov-Smirnov	
	Estatística	g.l.
API	.066	104
LGBTQBAS	.090*	104
UCLA	.063	104

Nota. * $p < .05$.

A primeira hipótese prevê que o contacto parassocial/interações parassociais é um preditor positivo significativo da pertença à comunidade LGBTQ+. Para a sua análise, utilizou-se um modelo de regressão linear simples. Como referido anteriormente, os valores de assimetria e curtose da pertença encontram-se dentro dos valores de Kline (2016). As variâncias revelaram-se decentemente homogéneas (Anexo J), a representação gráfica da relação entre as variáveis apresentou-se aceitavelmente linear (Anexo I), não se identificaram *outliers* significativos e os erros são independentes ($1 < D-W = 1.45 < 3$).

Os resultados revelaram que o modelo é estatisticamente significativo, $F(1, 102) = 11.14, p = .001, R^2 = .10$. Verificou-se que o contacto parassocial é um preditor positivo e significativo da pertença, $\beta = 0.381; t(102) = 3.337, p < .001$, explicando cerca de 9.8%

da sua variância ($R^2=.098$) e sugerindo que um maior contacto parassocial leva a um maior sentimento de pertença à comunidade. A hipótese 1 é, assim, sustentada.

A segunda hipótese prevê que a pertença é um preditor negativo significativo da solidão. Ao analisar os resultados da correlação, estes demonstraram que existe uma correlação negativa e fraca entre as variáveis “Solidão” e “Pertença”, porém, não significativa, $r(102) = -.08, p = .413$. Uma vez que não foi encontrada relação entre as variáveis, não se avançou com a realização da regressão, considerando-se a hipótese como não sustentada.

A terceira hipótese prevê que a solidão é um preditor positivo significativo do contacto parassocial. Os resultados da correlação revelaram uma relação positiva e fraca entre as variáveis “Interações Parassociais” e “Solidão”, mas não significativa, $r(102) = .07, p = .510$. Mais uma vez, não foi encontrada relação entre as variáveis, levando à decisão de não avançar com a regressão linear. A hipótese não foi sustentada.

Tabela 5

Correlações entre as Diferentes Variáveis

	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	Interações Parassociais	Pertença	Solidão
IP	104	62.16	9.78	-	.31 ^{1**} .31 ^{2**}	.05 ¹ .07 ²
Pertença	104	92.09	11.88	.31 ^{1**} .31 ^{2**}	-	-.06 ¹ -.08 ²
Solidão	104	38.46	11.45	.05 ¹ .07 ²	-.06 ¹ -.08 ²	-

Nota. ¹ = Correlação de Pearson; ² = Correlação de Spearman; ** $p < .01$.

Tabela 6

Modelo de Regressão Linear Simples: Contacto Parassocial e Pertença

Modelo	Coeficientes não Padronizados		Coeficientes Padronizados	<i>t</i>	<i>p</i>
	β	Erro Padrão	Beta		
(Constante)	68.41	7.18		9.52	<.001
Interações Parassociais	.38	.11	.314	3.34	.001

^a Variável Dependente: Pertença

Análises Exploratórias

Efetuarão-se análises exploratórias adicionais, com o objetivo de complementar os resultados adquiridos.

Influência do Género e da Orientação Sexual nas Diferentes Variáveis

Para averiguar se o género do participante e a sua orientação sexual tem influência sobre os scores relativos à quantidade de interações parassociais, de pertença e de solidão, recorreu-se à ANOVA oneway. Embora o pressuposto da distribuição normal não tenha sido verificado para todos os diferentes grupos, todos os valores de assimetria encontram-se dentro dos reportados por Kline (2016) sendo estes assimetria $\leq |3|$ e curtose $\leq |10|$ (Tabelas 7 e 8). Devido a quantidade muito inferior de participantes “Género-Fluído” (2), “Género-Outro” (3), “Heterossexual” (3), “Assexual” (3) e “Sexualidade-Outro”(3), foi necessário omitir estes de modo a ser possível efetuar as seguintes análises estatísticas corretamente.

Tabela 7

Estatística Descritiva das Variáveis Segundo o Género

Variáveis	Género	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Assimetria</i>	<i>Curtose</i>
Interações Parassociais	1	15	57.60	9.77	.44	-.95
	2	56	62.43	8.94	-.05	.94
	3	11	61.55	11.07	-.48	-1.36
	4	4	62.91	4.92	-.04	-5.80
	5	13	63.62	12.67	-1.12	1.02
Pertença	1	15	84.93	13.70	.14	-.91
	2	56	90.70	11.60	-.76	.25
	3	11	86.99	11.79	-1.36	1.00
	4	4	103.50	6.40	-1.87	3.62
	5	13	97.92	7.24	-.26	-.59
Solidão	1	15	36.47	12.89	.15	-1.06
	2	56	38.39	11.24	.20	-.43
	3	11	40.82	10.18	-.19	-.85
	4	4	43.50	16.84	-.12	-2.31
	5	13	40.77	10.99	.18	.14

Nota. 1 = Masculino Cisgénero; 2 = Feminino Cisgénero; 3 = Masculino Transgénero; 4 = Feminino Transgénero; 5 = Não Binário.

Tabela 8*Estatística Descritiva das Variáveis Segundo a Orientação Sexual*

Escalas	Género	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>Assimetria</i>	<i>Curtose</i>
Interações Parassociais	Gay	13	57.15	8.45	.44	-.30
	Lésbico	22	63.50	11.46	-.16	.73
	Pansexual	22	63.41	8.48	-.45	.10
Pertença	Bissexual	38	62.95	9.05	-.52	-.73
	Gay	12	85.85	12.67	-.15	-.27
	Lésbico	22	93.45	10.99	-.49	-.70
	Pansexual	22	98.91	6.41	-.78	-.29
Solidão	Bissexual	38	88.82	12.92	-.67	-.31
	Gay	13	36.85	10.49	-.20	-1.47
	Lésbico	22	36.64	12.90	.15	-.99
	Pansexual	22	36.91	8.66	.81	.76
	Bissexual	38	36.27	12.31	-.05	-.84

O pressuposto da homogeneidade de variâncias foi avaliado com o teste de Levene para todas os scores tanto para o Género como para a Orientação Sexual (Tabelas 9 e 10), revelando homogeneidade em todos os grupos. Procedeu-se então à aplicação da ANOVA *one-way*.

Tabela 9*Teste de Levene para o Género*

Variáveis	<i>F</i>	<i>g.l.</i>	<i>p</i>
I.P.	1.075	(4, 94)	.374 ¹
Solidão	.746	(4, 94)	.563 ¹
Pertença	1.279	(4, 94)	.284 ²

Nota. ¹ = Baseado na média; ² = Baseado na mediana

Tabela 10*Teste de Levene para a Orientação Sexual*

Variáveis	<i>F</i>	<i>g.l.</i>	<i>p</i>
IP	.53	(3, 91)	.665 ²
Solidão	1.89	(3, 91)	.137 ¹
Pertença	2.38	(3, 91)	.075 ²

Nota. ¹ = Baseado na média; ² = Baseado na mediana

A ANOVA *one-way* revelou um efeito estatisticamente significativo tanto do género, $F(4, 94) = 3.70, p = .008, \eta^2 = .17$, sobre a pertença (LGBTQBAS) como também da orientação sexual, $F(3, 91) = .72, p = .002, \eta^2 = .02$, com uma dimensão de efeito média em ambos.

Tabela 11*ANOVA para as Escalas em Relação ao Género e Orientação Sexual (OS)*

Variáveis	<i>F</i> (4,94)	<i>F</i> (3,91)	η^2	η^2	<i>p</i>	
	Género	OS	Género	O.S.	Género	O.S.
IP	1.69	1.56	.07	.05	.160	.206
Solidão	.51	5.20	.02	.15	.728	.543
Pertença	3.70	.72	.14	.02	.008*	.002*

Nota. * $p < .05$.

Para identificar quais os grupos que possuem diferenças significativas, foi empregue o teste post-hoc de Tukey. Este teste revelou que, em termos do género, o grupo “Masculino Cisgénero”, $M = 84.93, DP = 13.70$, apresentou scores de pertença significativamente inferiores ao grupo “Feminino Transgénero”, $M = 103.50, DP = 6.40$; $p = .037$, como também ao grupo “Não Binário”, $M = 97.92, DP = 7.24$; $p = .027$. Para a orientação sexual, foram reveladas diferenças estatisticamente significativas entre o grupo “Gay”, $M = 85.85, DP = 12.67$, tendo este scores inferiores ao grupo “Pansexual”, $M = 98.91, DP = 6.41$; $p = .007$. O grupo “Bissexual”, $M = 88.82, DP = 12.92$, também apresentou scores significativamente inferiores ao grupo “Pansexual”, $M = 98.91, DP = 6.41$; $p = .006$.

Tabela 12*Teste Post-Hoc de Tukey para o Gênero*

	1	2	3	4	5
1. Masculino Cisgênero	-				
2. Feminino Cisgênero	.413	-			
3. Masculino Transgênero	.185	.794	-		
4. Feminino Transgênero	.037*	.198	.696	-	
5. Não Binário	.027*	.245	.967	.912	-

*Nota. * $p < .05$.***Tabela 13***Teste Post-Hoc de Tukey para a Orientação Sexual*

	1	2	3	4
1. Gay	-			
2. Lésbico	.221	-		
3. Pansexual	.007*	.379	-	
4. Bissexual	.844	.418	.006*	-

*Nota. * $p < .05$.****Correlação Entre a Idade e as Restantes Variáveis***

Procurou-se averiguar também a existência de uma possível correlação entre a idade dos participantes e os scores obtidos nas diferentes escalas. Para isto, utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson. Não se verificou normalidade ($p < .001$). No entanto, os valores de assimetria e curtose foram 2.22 e 6.90, respectivamente, estando dentro dos valores relatados por Kline (2016). Ao observar as representações gráficas das relações da idade com cada um dos scores, todas se aparentaram lineares (Anexo K), sendo então aplicado o coeficiente de correlação de Pearson.

Os resultados revelaram que existe uma correlação significativa entre Idade e a Pertença, $r(102) = -.26$, $p = .007$. A correlação é negativa e moderada, o que permite concluir que quanto mais velho o participante é, menor é o sentimento de pertença à comunidade LGBTQ+.

Tabela 14*Correlação entre a Idade e as diferentes variáveis*

	<i>n</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	Idade
I.P.	104	38.46	11.45	-.15 ¹
Pertença	104	92.09	11.88	-.26 ^{1*}
Solidão	104	38.46	11.45	-.12 ¹
Idade	104	24.61	5.22	-

Nota. * $p < .05$; ¹ Correlação de Pearson

Análise de Mediação

De modo a aprofundar a compreensão sobre as interações entre as variáveis deste estudo, apesar do perfil de correlações encontrado, realizou-se uma análise de mediação. Sabendo que o contacto parassocial afeta significativamente a pertença, como descrito anteriormente (teste da Hipótese 1), decidiu-se avaliar se a relação entre o contacto parassocial e a variável solidão seria mediada pela variável pertença, segundo o modelo de Hayes e Rockwood (2017). Para tal, recorreu-se à Macro PROCESS (versão 4.3; Hayes, 2017) IBM SPSS Statistics (versão 30), Modelo 4, com X = Contacto Parassocial, Y = Solidão e M = Sentimento de pertença à comunidade LGBTQ+. Foram geradas 5000 amostras *bootstrap* com IC a 95% (percentil).

A análise de mediação revelou um efeito significativo do contacto parassocial sobre a pertença, $\beta = .38$, $t(1,102) = 3.34$, $p = .001$. O modelo revelou que o efeito do contacto parassocial sobre a solidão não é significativo, $\beta = .09$, $t(2,101) = .73$, $p = .463$, e, simultaneamente, o efeito da pertença sobre a solidão também não é significativo, $\beta = -.08$, $t(2,101) = -.79$, $p = .432$. Por último, o efeito indireto do contacto parassocial na solidão é de $-.03$ e não se apresentou significativo, uma vez que o IC 95% não inclui o valor 0, 95% IC: $[-.1165, .0450]$. Este resultado sugere que a influência do contacto na solidão não é mediada pela pertença.

Discussão

A atual dissertação teve como seu objetivo esclarecer a relação entre o contacto parassocial, que inclui interações e relações parassociais, o sentimento de pertença e a solidão em pessoas da comunidade LGBTQ+, fornecendo informação relevante para esta área pouco explorada na ciência portuguesa.

Relativamente à primeira hipótese proposta neste estudo, esta previu que o contacto parassocial é um preditor positivo significativo da pertença à comunidade LGBTQ+. Os resultados obtidos através da análise de regressão conduzida vieram sustentá-la, permitindo concluir que a pertença que os participantes sentem em relação à comunidade LGBTQ+ tende a aumentar com o contacto parassocial que estabelecem. Estes resultados acabam por seguir o que a literatura propõe para esta população. McCutcheon e colaboradores (2021) relataram como sujeitos LGBTQ+ tendem a estabelecer mais contacto parassocial, quando comparados com os seus pares heteronormativos. Como o contacto é mais presente e frequente nesta população, vão surgir sentimentos positivos mais abundantes, nos quais está incluída a pertença, espelhando o que os resultados atuais revelam (Bunim, 2024; Gonta et al., 2017; Hoffner & Bond, 2022; Żerebecki et al., 2024).

Seguidamente, a segunda hipótese do estudo previu que a pertença seria um preditor significativo da solidão. Os resultados da correlação realizada apontaram para a presença de uma relação negativa, fraca e não significativa, levando à rejeição da hipótese. A literatura explica como a pertença é uma medida adequada e multidimensional com capacidade de reduzir sentimentos de solidão e isolamento social, melhorando a autoestima e fortalecendo conexões (Lee & Robbins, 1995), algo que os resultados não indicaram.

Finalmente, a terceira hipótese previu que a solidão seria um preditor negativo significativo do contacto parassocial. Os resultados obtidos revelaram uma relação positiva, fraca e não significativa. A falta de significância levou à decisão de rejeitar a hipótese. Desde Horton e Whol (1956) que é detetado que pessoas em situações de solidão e isolamento social elevados são mais propícias a procurarem contacto parassocial, algo que os resultados não revelam.

Uma vez que ambas as hipóteses envolveram a solidão, é possível que esta variável não esteja a ser corretamente medida. Nada indica que a Escala de Solidão UCLA

apresente itens problemáticos e os resultados não revelaram valores que levantem suspeitas. No entanto, seria benéfico ponderar as possíveis causas que levaram a estas conclusões. A solidão da comunidade LGBTQ+ apresenta características específicas que nem sempre estão presentes na população geral. O preconceito sistémico, discriminação e atos de violência motivados por ódio resultam em experiências negativas e sentimentos de isolamento e solidão que não são generalizáveis para uma população heteronormativa (Frost & Meyer, 2023; Gorczyński & Fasoli, 2021; Ribeiro-Gonçalves et al., 2021; Watts & Thrasher, 2023) Devido a isto, levanta-se a possibilidade de os instrumentos atuais, tais como a Escala de Solidão UCLA, não serem os mais apropriados para a avaliação de solidão nesta população, uma vez que as nuances inerentes às suas vivências e à sua perceção da solidão não estão consideradas nestas medições. É fundamental salientar como não existe, atualmente, um instrumento específico para a medição da solidão na comunidade LGBTQ+, algo que seria bastante útil para aprofundar a compreensão deste fenómeno.

A dimensão da amostra pode ter, simultaneamente, afetado os resultados. A dificuldade de recolha e aderência dos participantes à totalidade do questionário acabou por limitar o número final de respostas válidas, o que por si limitou as análises estatísticas efetuadas e, conseqüentemente, a sua significância.

É possível considerar a desejabilidade social como um possível fator que enviesou as respostas à Escala de Solidão UCLA. Almiro (2017) define desejabilidade social como uma predisposição ou tendência de um indivíduo reprimir e rejeitar determinadas características ou comportamentos que possam ser analisados como socialmente indesejáveis, e simultaneamente agir de formas mais aceites socialmente, com intuito de sentir aprovação social. A Escala de Solidão UCLA aborda temáticas sensíveis que requerem vulnerabilidade e podem suscitar desconforto no participante e também podem promover medo de julgamento (e.g., *É incapaz de estabelecer contactos e comunicar com os que o/a rodeiam.*). As estatísticas descritivas referentes à escala, revelaram uma média de 38.46, com um máximo score de 64 e um mínimo de 16. A média não se revela particularmente elevada, o que pode ser indicador de a amostra não se identificar particularmente com os itens, como pode ter sido motivado pela desejabilidade social, causando alguns participantes a responderem de modo a transparecerem menor solidão, possivelmente enviesando os resultados.

As análises exploratórias revelaram algumas informações relevantes. Ao averiguar sobre a existência de uma possível correlação entre a idade e as restantes variáveis medidas no estudo, foi encontrada uma relação negativa, significativa e moderada, indicando que participantes mais velhos tendem a sentir menos pertença à comunidade LGBTQ+. Shen e colaboradores (2020) encontram informações consistentes entre múltiplos estudos que revelam como indivíduos mais velhos, particularmente homens gays e bissexuais, são alvos de idadismo por parte da própria comunidade. A literatura também revela que quando se comparam diferentes faixas etárias, adultos nesta comunidade revelam solidão superior aos seus pares mais jovens (Ribeiro-Gonçalves et al., 2021). Isto pode apontar para a possibilidade de a comunidade LGBTQ+ ser um espaço dominado por pessoas mais jovens, não sendo igualmente acolhedora para membros mais envelhecidos.

As ANOVAs realizadas revelaram diferenças significativas entre grupos em relação à variável pertença. Homens cisgénero apresentaram valores de pertença significativamente inferiores a mulheres transgénero e pessoas não-binárias. Literatura referente às diferenças de pertença entre identidades sexuais e de género específicas não é de todo abundante, o que dificulta a interpretação destes resultados. Já os participantes que se auto identificaram como pansexuais apresentaram valores de pertença significativamente superiores a participantes que se identificaram como gay e os que se identificaram como bissexuais. Não foi encontrada literatura que indicasse motivos concretos que justifiquem estes resultados. Uma abordagem qualitativa pode vir a revelar-se como pertinente para melhor compreender as diferenças na pertença destes indivíduos.

Relativamente à análise de mediação, o modelo não se revelou significativo, mostrando que a pertença não se apresenta como um mediador significativo da relação entre o contacto parassocial e a solidão. Liu e Lee (2024) estudaram as interações de sujeitos com *influencers* em redes sociais e como isto afeta a solidão, a pertença e o bem-estar. Os resultados obtidos pelos autores revelaram que a pertença e o apoio social mediaram significativamente a relação entre a relação com os *influencers* e a solidão (Liu & Lee, 2024), o que contrasta com os resultados obtidos nesta dissertação. No entanto, sublinha-se que a amostra de Liu e Lee (2024) não foi restringida por qualquer fator específico, enquanto a amostra do presente estudo foi exclusivamente constituída por indivíduos *queer*. As características específicas da pertença e da solidão vividas por esta comunidade podem explicar a mediação não ter ocorrido tal como na literatura que não

estudou esta população (Bissonette & Szymanski, 2019; Elmer et al., 2022; Hoffner & Bond, 2022; Murray & Dailey, 2020).

Resumidamente, os resultados obtidos neste estudo apontam para uma ligação moderada entre a pertença e o contacto parassocial, onde o estabelecimento de contacto parassocial prediz um aumento do sentimento de pertença à comunidade LGBTQ+.

Limitações

Embora esta dissertação represente um avanço na pesquisa sobre temáticas pertinentes na atualidade e pouco investigadas em Portugal, naturalmente traz associada determinadas limitações que afetaram o seu desenvolvimento. Primeiramente, a dimensão da amostra foi particularmente limitante, como mencionado anteriormente. O número de participantes final foi 104 e esta quantidade limitou a possibilidade de realizar comparações adequadas entre grupos. A quantidade de participantes por categoria como género e orientação sexual revelou-se bastante discrepante. Por exemplo, 56 dos participantes identificaram-se como feminino cisgénero mas somente 2 como género fluído, o que não permite comparações equilibradas e levou à omissão das categorias menos representadas para realizar as ANOVAs para as análises exploratórias.

Outra limitação consiste na escolha de personagens de cada participante na medição das interações parassociais. A escala API requer que o participante escolha um personagem que será o foco das perguntas apresentadas. Como o objetivo do estudo consiste em averiguar se a pertença na comunidade LGBTQ+ e o contacto parassocial estão relacionados, as bases teóricas assumem que o personagem/objeto do contacto apresentem características que remetam para a identidade queer e/ou validação desta. Não existe forma de garantir esta questão neste estudo, levando à necessidade de assumir que os participantes escolheram personagens que correspondessem às características referidas.

Podemos considerar a natureza puramente quantitativa deste estudo como uma limitação. As interações e relações parassociais são algo muito individual e personalizado. Cada participante tem, naturalmente, características e nuances que moldam as interações que cria, e isso pode representar informação importante e esclarecedora para o significado e importância do contacto parassocial, algo que uma escala quantitativa não é capaz de captar. A utilização de entrevistas ou de *focus groups* poderá elucidar sobre estes detalhes e fornecer descrições mais informativas sobre o contacto parassocial de cada um.

Como última limitação, temos a falta de consideração por celebridades, *influencers* e figuras populares nas redes sociais como figuras de contacto parassocial. Diversos autores salientam como os exemplos mencionados anteriormente são frequentemente foco de contacto parassocial e possibilitam imensas oportunidades de interação (Baek et al., 2013; Hoffner & Bond, 2022; Jarzyna, 2020). A escala API mede as interações parassociais em relação a personagens fictícios, que podem surgir de diferentes contextos, mas não está estruturada de forma a incluir as figuras mencionadas.

Conclusão e Estudos Futuros

Neste estudo averiguou-se a existência de relações entre a solidão, o contacto parassocial e o sentimento de pertença direccionado à comunidade LGBTQ+, em portugueses *queer*. Procurou-se esclarecer se o contacto parassocial é um preditor significativo da pertença à comunidade, podendo a sua influência aumentar a pertença sentida.

Os resultados adquiridos sustentaram a primeira hipótese, demonstrando que existe uma relação moderada, positiva e significativa entre as interações parassociais e a pertença que os participantes sentem em relação à comunidade LGBTQ+.

Esta dissertação representa um pequeno passo num campo com imensa pesquisa ainda por realizar e informações por descobrir. Na psicologia, é fundamental ter em consideração populações marginalizadas, pois encontram-se em risco mais elevado para sofrimento mental devido a inúmeras questões sociais. A comunidade LGBTQ+ portuguesa requer atenção, e o contacto parassocial característico desta população podem fornecer-nos indicadores cruciais das suas necessidades psicológicas, o que procuram para reduzir o seu sofrimento emocional e mental e como isso pode ser aplicado a nível de intervenções personalizadas.

Para investigações futuras, será pertinente realizar um estudo semelhante ao atual, porém de natureza qualitativa. Uma vez que os processos envolvidos no desenvolvimento de interações e relações parassociais são muito personalizados, tendo características específicas de pessoa para pessoa, analisar esse conteúdo mais aprofundada e detalhadamente será uma mais-valia para a compreensão do impacto do contacto parassocial na redução do sofrimento emocional e psicológico. Será importante também estudar o contacto parassocial referente a celebridades e ao espaço das redes sociais. Atualmente, a grande maioria da população interage com redes sociais diariamente e isto

abre as portas para inúmeras interações parassociais. Boyd e colaboradores (2022) desenvolveram o *Parasocial Relationship in Social Media Survey* (PRISM), um instrumento de 22 itens estruturado especificamente para medir relações parassociais que são desenvolvidas no contexto das redes sociais. Dada a presença demarcada das redes sociais no nosso quotidiano, será valioso investigar este contexto. Outra abordagem futura pertinente será estudar o contacto parassocial com a Inteligência Artificial (IA). A ferramenta da Inteligência Artificial tem apresentado um crescimento exponencial nos últimos anos e está a introduzir novos métodos de interação e de comunicação inéditos, o que por sua vez está a gerar novos comportamentos nos utilizadores. Bunim (2024) estudou o fenómeno parassocial em relação a *chatbots* de Inteligência Artificial, contemplando como ditos modelos de IA, devido à sua fácil acessibilidade, são capazes de promover a gratificação e uma maior sensação de conexão, indo de encontro com a teoria parassocial. Estudos semelhantes revelam-se essenciais para a compreensão da evolução do fenómeno parassocial à medida que a IA se expande.

Concluindo, as interações e relações parassociais fazem parte da nossa realidade e estão mais presentes do que nos apercebemos. Sabendo que a influência do contacto parassocial é capaz de aumentar a pertença de indivíduos *queer*, surge a possibilidade de utilizar as interações e relações parassociais como base para pesquisa futura relacionada com o desenvolvimento psicoemocional da população LGBTQ+. Num mundo cada vez mais digital, surge a necessidade de estudar os comportamentos que temos com as figuras parassociais, pois estas podem representar um refúgio das angústias e do desconforto emocional (Jarzyna, 2020). O estudo das minorias em psicologia sempre será importante, pois o preconceito e o julgamento são realidades constantes, e os seus efeitos são sentidos diariamente (Meyer, 2003). Muitos indivíduos *queer* ainda sentem que têm de corresponder a certos padrões heteronormativos, reprimindo a sua identidade, de modo a evitar serem alvos de discriminação, preconceito, ou para se enquadrarem no clima político, mas este comportamento acaba por gerar mais sentimentos de solidão e isolamento devido à negação da identidade (Frost & Meyer, 2023; Oliveira et al., 2013).

A comunidade LGBTQ+ em Portugal já atingiu diversas vitórias, mas a luta pela igualdade é constante e é necessário preservar o bem-estar mental desta população. Com o crescimento gradual de políticas de extrema-direita, de discurso de ódio e de legislações que colocam em risco os direitos não só da comunidade LGBTQ+ como de outros grupos marginalizados (Craveiro et al., 2021), torna-se mais necessária a intervenção psicológica

nestes grupos, como também o investimento na investigação sobre as suas dificuldades e como isso se reflete na sua saúde mental, especialmente quando a pesquisa no contexto português não é abundante (Pereira, 2021).

Referências

- Alberti, F. B. (2019). *A biography of loneliness: The history of an emotion*. Oxford University Press.
- Allen, K.-A., Kern, M. L., Rozek, C. S., McInerney, D. M., & Slavich, G. M. (2021). Belonging: a Review of Conceptual issues, an Integrative framework, and Directions for Future Research. *Australian Journal of Psychology*, 73(1), 87–102. <https://doi.org/10.1080/00049530.2021.1883409>
- Allport, G. W. (1954). *The Nature of Prejudice*. Palo Alto, Calif., Addison Wesley, Doubleday.
- Almiro, P. A. (2017). Uma nota sobre a desejabilidade social e o enviesamento de respostas. *Avaliação psicológica*, 16(3), 0-0.
- American Psychiatric Association. (2025). *Social Determinants of Mental Health*. Psychiatry.org. <https://www.psychiatry.org/psychiatrists/diversity/education/social-determinants-of-mental-health>
- Auter, P. J., & Palmgreen, P. (2000). Development and validation of a parasocial interaction measure: The audience-persona interaction scale. *Communication Research Reports*, 17(1), 79–89. <https://doi.org/10.1080/08824090009388753>
- Baek, Y. M., Bae, Y., & Jang, H. (2013). Social and Parasocial Relationships on Social Network Sites and Their Differential Relationships with Users' Psychological Well-Being. *Cyberpsychology, Behavior, and Social Networking*, 16(7), 512–517. <https://doi.org/10.1089/cyber.2012.0510>
- Bernhold, Q. S., & Metzger, M. (2018). Older adults' parasocial relationships with favorite television characters and depressive symptoms. *Health Communication*, 35(2), 168–179. <https://doi.org/10.1080/10410236.2018.1548336>
- Bissonette, D., & Szymanski, D. M. (2019). Minority stress and LGBQ college students' depression: Roles of peer group and involvement. *Psychology of Sexual Orientation and Gender Diversity*, 6(3). <https://doi.org/10.1037/sgd0000332>

- Boyd, A., Morrow, J., & Rocconi, L. (2022). Development and Validation of the Parasocial Relationship in Social Media Survey. *The Journal of Social Media in Society*, 11(2), 192–208
- Bunim, E. (2024). *Parasocial Dependency Associated with Artificial Intelligence Chatbots* [Master's Thesis, California State University]. ResearchGate <https://doi.org/10.5281/zenodo.14561048>
- Cacioppo, J. T., Cacioppo, S., & Boomsma, D. I. (2014). Evolutionary mechanisms for loneliness. *Cognition and Emotion*, 28(1), 3–21. <https://doi.org/10.1080/02699931.2013.837379>
- Cacioppo, J. T., & Cacioppo, S. (2018). Loneliness in the Modern Age: An Evolutionary Theory of Loneliness (ETL). *Advances in Experimental Social Psychology*, 58, 127–197. <https://doi.org/10.1016/bs.aesp.2018.03.003>
- Chen, J., McLaren, H., Jones, M., & Shams, L. (2020). The aging experiences of LGBTQ ethnic minority older adults: A systematic review. *The Gerontologist*, 62(3). <https://doi.org/10.1093/geront/gnaa134>
- Cohen, J. (1992). Quantitative methods in psychology: A power primer. *Psychological Bulletin*, 112, 155-159.
- Craveiro, A. C., Mendes, J., & Vieira, F. (2021). Perceção de homofobia e discriminação da comunidade LGBTQIA+ no contexto da disciplina de Educação Física em Portugal. *Revista Portuguesa De Investigação Comportamental E Social*, 7(2), 28–42. <https://doi.org/10.31211/rpics.2021.7.2.222>
- Elmer, E. M., van Tilburg, T., & Fokkema, T. (2022). Minority stress and loneliness in a global sample of sexual minority adults: The roles of social anxiety, social inhibition, and community involvement. *Archives of Sexual Behavior*, 51, 2269–2298 (2022). <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02132-3>

- Elvery, G. (2022). Undertale's Loveable Monsters: Investigating Parasocial Relationships with Non-Player Characters. *Games and Culture*, 18(4), 155541202211054. <https://doi.org/10.1177/15554120221105464>
- European Union Agency for Fundamental Rights. (2024, June 14). *EU LGBTIQ Survey III*. <https://fra.europa.eu/en/publications-and-resources/data-and-maps/2024/eu-lgbtqi-survey-iii>
- Ferreira, A. G., Crespo, C. F., Ribeiro, F. M. & Barreiros, P. (2024). The social media theatre: New guidelines to foster parasocial interactions with followers and Improve influencer marketing communication effectiveness. *Journal of Marketing Communications*, 1–25. <https://doi.org/10.1080/13527266.2024.2318696>
- Forner, L., Lutz, S., Zheng, X., & Stein, J. P. (2025). The Dark Side of Fandom: Exploring the Association between Parasocial Relationships with Celebrities and Aggression. *Media Psychology*, 1–25. <https://doi.org/10.1080/15213269.2025.2562009>
- Frost, D. M., & Meyer, I. H. (2023). Minority stress theory: Application, critique, and continued relevance. *Current Opinion in Psychology*, 51. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2023.101579>
- Giles, D. C. (2002). Parasocial Interaction: A Review of the Literature and a Model for Future Research. *Media Psychology*, 4(3), 279–305. https://doi.org/10.1207/S1532785XMEP0403_04
- Gonta, G., Hansen, S., Fagin, C., & Fong, J. (2017). Changing media and changing minds: media exposure and viewer attitudes toward homosexuality. *Pepperdine Journal of Communication Research*, 5(1), 5.
- Gorczynski, P., & Fasoli, F. (2021). Loneliness in sexual minority and heterosexual individuals: A comparative meta-analysis. *Journal of Gay & Lesbian Mental Health*, 26(2), 1–18. <https://doi.org/10.1080/19359705.2021.1957742>

- Haslam, S. A., Haslam, C., Cruwys, T., Jetten, J., Bentley, S. V., Fong, P., & Steffens, N. K. (2022). Social identity makes group-based social connection possible: Implications for loneliness and mental health. *Current Opinion in Psychology*, 43(43), 161–165. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2021.07.013>
- Haug, R. M. (2018). *Perceived belongingness, self-esteem, and outness level on psychological distress among lesbian, gay, and bisexual individuals*. (Publication No. 10846907) [Doctoral Dissertation, University of Northern Colorado]. ProQuest
- Hayes, A. F. (2013). *Introduction to Mediation, Moderation and Conditional Process Analysis: a regression-based approach*. The Guilford Press.
- Hayes, A. F., & Rockwood, N. J. (2017). Regression-based statistical mediation and moderation analysis in clinical research: Observations, recommendations, and implementation. *Behaviour Research and Therapy*, 98, 39–57. <https://doi.org/10.1016/j.brat.2016.11.001>
- Henriques, M., & Pereira, H. (2024). Psychosexual Health and Well-Being of Trans and Gender-Diverse Individuals in Portugal. *Societies*, 14(8), 144. <https://doi.org/10.3390/soc14080144>
- Hoffner, C. A., & Bond, B. J. (2022). Parasocial Relationships, Social Media, & Well-Being. *Current Opinion in Psychology*, 45(1), 1–6. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101306>
- Horton, D., & Wohl, R. (1956). Mass Communication and Para-Social Interaction: Observations on Intimacy at a Distance. *Psychiatry*, 19(3), 215–229.
- Hutten, E., Jongen, E. M. M., Vos, A. E. C. C., van den Hout, A. J. H. C., & van Lankveld, J. J. D. M. (2021). Loneliness and Mental Health: The Mediating Effect of Perceived Social Support. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(22), 11963. <https://doi.org/10.3390/ijerph182211963>

ILGA Europe. (2025) *Rainbow Map*.

<https://rainbowmap.ilga-europe.org>

ILGA Portugal Intervenção Lésbica, Gay, Bissexual, Trans E Intersexo Portugal. (2020, June 3). *porque existimos*. <https://ilga-portugal.pt/associacao/porque-existimos>

Jarzyna, C. L. (2020). Parasocial Interaction, the COVID-19 Quarantine, and Digital Age Media. *Human Arenas*, 4(3). <https://doi.org/10.1007/s42087-020-00156-0>

Joyce, R. A. (2015). Heteronormativity. *The International Encyclopedia of Human Sexuality*, 501–581. <https://doi.org/10.1002/9781118896877.wbiehs205>

Kline, R. B. (2016). *Principles and practice of structural equation modeling* (4th ed.). Guilford Press.

Knox, L., Karantzas, G. C., Romano, D., Feeney, J. A., & Simpson, J. A. (2022). One Year On: What We Have Learned about the Psychological Effects of COVID-19 Social Restrictions – A Meta-Analysis. *Current Opinion in Psychology*, 46, 101315. <https://doi.org/10.1016/j.copsyc.2022.101315>

Lee, R. M., & Robbins, S. B. (1995). Measuring belongingness: The Social Connectedness and the Social Assurance scales. *Journal of Counseling Psychology*, 42(2), 232–241. <https://doi.org/10.1037/0022-0167.42.2.232>

Liu, J., & Lee, J.-S. (2024). Social media influencers and followers' loneliness: the mediating roles of parasocial relationship, sense of belonging, and social support. *Online Media and Global Communication*, 3(4). <https://doi.org/10.1515/omgc-2024-0025>

Lusa, A. (2025, Junho 19). PGR admite dificuldades na investigação dos crimes de ódio enquanto casos disparam 200%. *Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/2025-06-19-pgr-admite-dificuldades-na-investigacao-dos-crimes-de-odio-enquanto-casos-disparam-200-5b929196>

- Lusa, A. (2024, Maio 16). Quase três em cada quatro alunos portugueses LGBTIQ são vítimas de bullying na escola. *Expresso*. <https://expresso.pt/sociedade/2024-05-16-quase-tres-em-cada-quatro-alunos-portugueses-lgbtqi-sao-vitimas-de-bullying-na-escola-485d3b8b>
- Marlin, L., Lewis, C., & McLaren, S. (2022). “Being Able to Be Yourself”: A Qualitative Exploration of How Queer Emerging Adults Experience a Sense of Belonging in Rural Australia. *Journal of Homosexuality*, 1–22. <https://doi.org/10.1080/00918369.2022.2092806>
- Marôco, J. (2018). *Análise Estatística com o SPSS Statistics.: 7ª edição*. ReportNumber, Lda.
- Maslow, A. H. (1987). *Motivation and personality 3rd ed*. Harper and Row 1987.
- McLaren, S., Jude, B., & McLachlan, A. J. (2008). Sense of Belonging to the General and Gay Communities as Predictors of Depression among Australian Gay Men. *International Journal of Men’s Health*, 7(1), 90–99. <https://doi.org/10.3149/jmh.0701.90>
- McCutcheon, L. E., Reyes, M. E. S., Zsila, Á., & Huynh, H. P. (2021). Is Loneliness Associated with Celebrity Attraction in LGBT+ Persons? *Journal of Homosexuality*, 1–17. <https://doi.org/10.1080/00918369.2021.1940014>
- Mendoza-Perez, J. C., & Ortiz-Hernandez, L. (2020). Association Between Overt and Subtle Experiences of Discrimination and Violence and Mental Health in Homosexual and Bisexual Men in Mexico. *Journal of Interpersonal Violence*, 36(23-24). <https://doi.org/10.1177/0886260519898423>
- Meyer, I. H. (2003). Prejudice, social stress, and mental health in lesbian, gay, and bisexual populations: Conceptual issues and research evidence. *Psychological Bulletin*, 129(5), 674–697. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.129.5.674>

- Morris, S., McLaren, S., McLachlan, A. J., & Jenkins, M. (2015). Sense of Belonging to Specific Communities and Depressive Symptoms Among Australian Gay Men. *Journal of Homosexuality*, 62(6), 804–820. <https://doi.org/10.1080/00918369.2014.999491>
- Murray, J. C., & Dailey, S. F. (2020). Development of the LGBTQ Belongingness Attainment Scale. *Journal of LGBT Issues in Counseling*, 14(2), 100–117. <https://doi.org/10.1080/15538605.2020.1753622>
- Neves, S., Borges, J., Silva, E., Pereira Vieira, C., & Neves Sousa, A. (2019). Bullying homofóbico: Crenças e práticas de estudantes do Ensino Superior em Portugal. *PSICOLOGIA*, 33(2), 47–59. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v33i2.1460>
- Nunnally, J. C. (1978). *Psychometric Theory* (2nd Ed.). McGraw-Hill.
- Oliveira, J. M., Costa, C. G., & Nogueira, C. (2013). The Workings of Homonormativity: Lesbian, Gay, Bisexual, and Queer Discourses on Discrimination and Public Displays of Affections in Portugal. *Journal of Homosexuality*, 60(10), 1475–1493. <https://doi.org/10.1080/00918369.2013.819221>
- Pereira, H. (2021). Mental health, suicidal behavior and sexual orientation in Portugal. *European Psychiatry*, 64(S1), S583–S583. <https://doi.org/10.1192/j.eurpsy.2021.1555>
- Peterson, N., Lee, J., & Russell, D. (2020). Dealing With Loneliness Among LGBT Older Adults: Different Coping Strategies. *Innovation in Aging*, 4(Supplement_1), 516–517. <https://doi.org/10.1093/geroni/igaa057.1667>
- Phillips, A., Ruberg, B. (2018). Special Issue -- Queerness and Video Games-Not Gay as in Happy: Queer Resistance and Video Games (Introduction). *Game Studies*, 18(3). https://gamestudies.org/1803/articles/phillips_ruberg
- Pocinho, M., Farate, C., & Dias, C. A. (2010). *Validação Psicométrica da Escala UCLA-Loneliness para Idosos Portugueses*.

- Ribeiro-Gonçalves, J. A., Pereira, H., Costa, P. A., Leal, I., & de Vries, B. (2021). Loneliness, Social Support, and Adjustment to Aging in Older Portuguese Gay Men. *Sexuality Research and Social Policy* 19, 207-219 (2022). <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00535-4>
- Richardson, T., Elliott, P., & Roberts, R. (2017). Relationship between loneliness and mental health in students. *Journal of Public Mental Health*, 16(2), 48–54. <https://doi.org/10.1108/jpmh-03-2016-0013>
- Rumas, R., Shamblaw, A. L., Jagtap, S., & Best, M. W. (2021). Predictors and consequences of loneliness during the COVID-19 Pandemic. *Psychiatry Research*, 300, 113934. <https://doi.org/10.1016/j.psychres.2021.113934>
- Russell, D., Peplau, L. A., & Cutrona, C. E. (1980). The revised UCLA Loneliness Scale: Concurrent and discriminant validity evidence. *Journal of Personality and Social Psychology*, 39(3), 472–480. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.39.3.472>
- Schiappa, E., Gregg, P. B., & Hewes, D. E. (2005). The Parasocial Contact Hypothesis. *Communication Monographs*, 72(1), 92–115. <https://doi.org/10.1080/0363775052000342544>
- Silk, J. (2001). Ties that bind: the role of kinship in primate societies. *New directions in anthropological kinship*.
- The jamovi project (2024). *jamovi*. (Version 2.6) [Computer Software]. Retrieved from <https://www.jamovi.org>.
- Watts, K.J. & Thrasher, S.S. (2023) The Impact of Community Belongingness on Mental Health and Well-Being Among Black LGBTQ Adults. *Race and Social Problems* 16, 47–64. <https://doi.org/10.1007/s12552-023-09396-5>
- Weiss, R. (1975). *Loneliness: The experience of emotional and social isolation*. MIT press.

- Woolwine, D. (2000). Community in gay male experience and moral discourse. *Journal of Homosexuality*, 38(4), 5-37.
- Yanguas, J., Pinazo-Henandis, S., & Tarazona-Santabalbina, F. J. (2018). The complexity of loneliness. *Acta Bio Medica: Atenei Parmensis*, 89(2), 302–314. <https://doi.org/10.23750/abm.v89i2.7404>
- Żerebecki, B. G., Oprea, S. J., & Hofhuis, J. (2024). Mediated Contact with LGBTQ Characters: Associations Between Recognizability, Parasocial Friendship, Wishful Identification, and LGBTQ Prejudice. *Communication Studies*, 76(2), 186–204. <https://doi.org/10.1080/10510974.2024.2390703>
- Zhao, L. (2016). *Parasocial relationship with transgender characters and attitudes toward transgender individuals*. [Master's Thesis, Fudan University] ProQuest

Anexos

Anexo A – Consentimento Informado

Nota: Durante o decorrer deste questionário, será utilizada linguagem binária por uma questão de acessibilidade e de facilitação da compreensão, mas, por favor, considere as identificações que melhor se apliquem a si.

O presente estudo insere-se no âmbito da Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica do ISPA - Instituto Universitário, sob a orientação da Professora Ana Cristina Martins.

Convidamos-lhe a colaborar nesta investigação, que tem, como objetivo, estudar como indivíduos da comunidade LGBTQ+ vivenciam as relações que estabelecem e o seu impacto no sentimento de pertença à comunidade. Pode participar no estudo se tiver mais de 18 anos de idade, identificar-se com pelo menos uma das identidades sob o leque LGBTQ+, tenha domínio da língua portuguesa e consuma, ou já tenha consumido, media que inclua temas ou personagens relacionados com a comunidade LGBTQ+ (livros, séries, filmes, videojogos, web-séries, desenhos animados, etc.)

Salientamos, que a sua participação é totalmente **voluntária, não remunerada, anónima e confidencial**, consistindo na resposta a um questionário que ocupa entre **10 a 15 minutos**. Os dados serão tratados globalmente (não de modo individualizado) de forma a garantir o anonimato referido e destinam-se a fins meramente académicos e científicos

Pode retirar o seu consentimento e interromper a sua participação a qualquer momento, sem que tenha de apresentar justificação e sem que haja quaisquer consequências.

Poderá solicitar qualquer esclarecimento através do seguinte contacto:

28872@alunos.ispa.pt

Anexo B – Instrumento Original: Audience Persona Interaction Scale (API)

1. *My favorite character reminds me of myself.*
2. *I have the same qualities as my favorite character.*
3. *I seem to have the same beliefs or attitudes as my favorite character.*
4. *I have the same problems as my favorite character.*
5. *I can imagine myself as my favorite character.*
6. *I can identify with my favorite character.*
7. *I would like to meet the actor who played my favorite character.*
8. *I would watch the actor on another program.*
9. *I enjoyed trying to predict what my favorite character would do.*
10. *I hoped my favorite character achieved their goals.*
11. *I care about what happens to my favorite character.*
12. *I like hearing the voice of my favorite character.*
13. *The other character's interactions are similar to mine with my friends.*
14. *The other characters' interactions are similar to mine with my family.*
15. *My friends are like the other characters.*
16. *I'd enjoy interacting with the other characters and my friends at the same time.*
17. *While watching the show, I felt included in the group.*
18. *I can relate to the other characters' attitudes.*
19. *I wish I could handle problems as well as my favorite character.*
20. *I like the way my favorite character handles problems.*
21. *I would like to be more like my favorite character.*
22. *I usually agreed with my favorite character.*

Anexo C – Instrumento Traduzido: *Audience Persona Interaction Scale (API)*

1. A minha personagem favorita faz me lembrar de mim próprio/a.
2. Eu tenho as mesmas qualidades que a minha personagem favorita.
3. Eu aparento ter as mesmas crenças ou atitudes que a minha personagem favorita.
4. Eu tenho os mesmos problemas que a minha personagem favorita.
5. Eu consigo imaginar-me como a minha personagem favorita.
6. Eu consigo identificar-me com a minha personagem favorita.
7. Eu gostaria de conhecer o/a ator/atriz que interpretou a minha personagem favorita.
8. Eu veria o/a ator/atriz noutro programa.
9. Eu gostei de tentar prever o que a minha personagem favorita faria.
10. Eu desejei que a minha personagem favorita atingisse os seus objetivos.
11. Eu preocupo-me com o que acontece à minha personagem favorita.
12. Eu gosto de ouvir a voz da minha personagem favorita.
13. As interações das outras personagens são semelhantes às que tenho com os meus amigos.
14. As interações das outras personagens são semelhantes às que tenho com a minha família.
15. Os meus amigos são como as outras personagens.
16. Eu gostaria de interagir com as outras personagens e os meus amigos ao mesmo tempo.
17. Ao assistir ao programa, senti-me incluído no grupo.
18. Consigo identificar-me com as atitudes das outras personagens.
19. Gostaria de ser capaz de lidar com problemas tão bem como a minha personagem favorita.
20. Gosto de como a minha personagem favorita lida com problemas.
21. Gostaria de ser mais como a minha personagem favorita.

22. Na maior parte das vezes, concordei com a minha personagem favorita.

Anexo D – Instrumento Original: LGBTQ *Belongingness Attainment Scale* (LGBTQBAS)

1. *You feel the problems and challenges of the LGBTQ+ community have an impact on you*
2. *You enjoy socializing with other LGBTQ+ individuals*
3. *You feel emotionally supported by a close friend or companion.*
4. *It is important for you to feel that you support the LGBTQ+ community in some manner.*
5. *It is important for you to develop a social network with other LGBTQ+ individuals.*
6. *You have a close friend or companion who you interact with on a regular basis.*
7. *You are proud to be a part of the LGBTQ+ community.*
8. *You feel a sense of togetherness when you are with other LGBTQ+ individuals.*
9. *You have a close friend or companion who understands you.*
10. *Participating in LGBTQ+ community events and activities is a positive experience for you.*
11. *You feel a common bond with other LGBTQ+ individuals.*
12. *You have a close friend or companion who you can discuss your problems with.*
13. *You feel a sense of connectedness to the LGBTQ+ community.*
14. *You feel more at ease when you are around other lesbian, gay, bisexual, and/or transgender individuals.*
15. *You have a close friend or companion who cares about you.*
16. *It is important for you to participate in LGBTQ+ community events and activities.*
17. *You feel a sense of acceptance when you are with other LGBTQ+ individuals.*
18. *You have a close friend or companion who accepts you.*

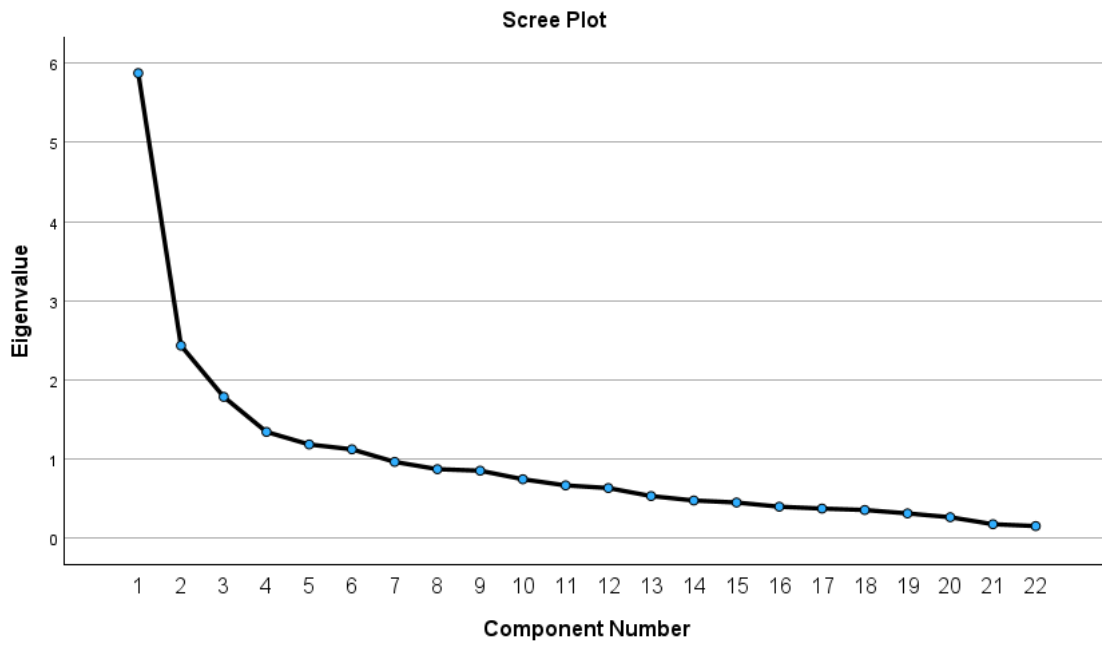
Anexo E – Instrumento Traduzido: LGBTQ *Belongingness Attainment Scale* (LGBTQBAS)

1. Sente que os problemas e os desafios da comunidade LGBTQ+ têm um impacto em si.
2. Gosta de socializar com outros indivíduos LGBTQ+.
3. Sente-se emocionalmente apoiado/a por um/a amigo/a próximo/a ou companheiro.
4. É importante para si sentir que apoia a comunidade LGBTQ+ de alguma forma.
5. É importante para si desenvolver uma rede social com outros indivíduos LGBTQ+.
6. Tem um/a amigo/a próximo/a ou companheiro/a com quem interage regularmente.
7. Tem orgulho em fazer parte da comunidade LGBTQ+.
8. Sente uma sensação de união quando está com outros indivíduos LGBTQ+.
9. Tem um amigo/a próximo/a ou um companheiro/a que o/a compreende.
10. Participar em eventos e atividades da comunidade LGBTQ+ é uma experiência positiva para si.
11. Sente um vínculo comum com outros indivíduos LGBTQ+.
12. Tem um amigo próximo ou companheiro com o qual pode debater os seus problemas.
13. Sente uma sensação de conexão com a comunidade LGBTQ+.
14. Sente-se mais à vontade quando está rodeado por outros indivíduos lésbicos, gay, bissexual e/ou trans.
15. Tem um/a amigo/a próximo/a ou companheiro/a que se preocupa consigo.
16. É importante para si participar em eventos e atividades da comunidade LGBTQ+.
17. Sente uma sensação de aceitação quando está com outros indivíduos LGBTQ+.
18. Tem um/a amigo/a próximo/a ou companheiro/a que o aceita.

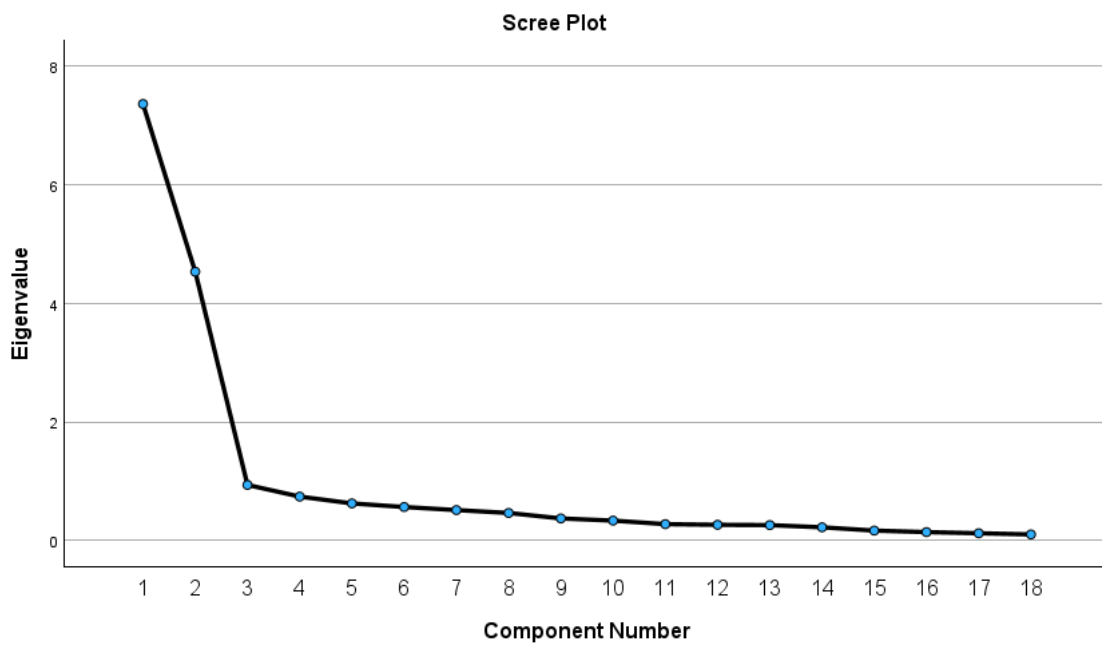
Anexo F – Escala de Solidão UCLA

- 1 – Sente-se infeliz por fazer muitas coisas sozinho.
- 2 – Sente que não tem alguém com quem falar.
- 4 – Sente que tem falta de companhia.
- 5 – Sente-se como se realmente ninguém o/a compreendesse.
- 7 – Sente que não tem ninguém a quem possa recorrer.
- 8 – Não se sente íntimo/a de ninguém.
- 9 – Sente que os que o/a rodeiam já não compartilham dos seus interesses.
- 10 – Sente-se abandonado/a.
- 11 – Sente-se completamente só.
- 12 – É incapaz de estabelecer contactos e comunicar com os que o/a rodeiam.
- 13 – As suas relações sociais são superficiais.
- 15 – Considera que na realidade ninguém o/a conhece bem.
- 16 – Sente-se isolado/a das outras pessoas.
- 17 – Sente-se infeliz de estar tão afastado/a dos outros.
- 18 – É-lhe difícil fazer amigos.
- 19 – Sente-se posto/a à margem e excluída das outras pessoas.

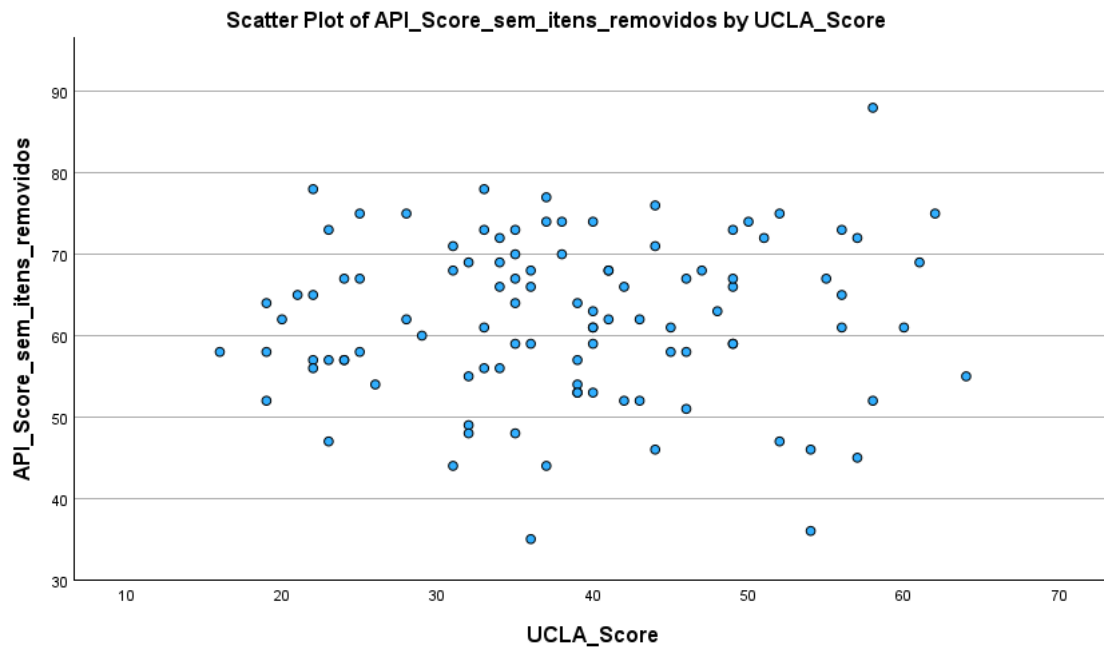
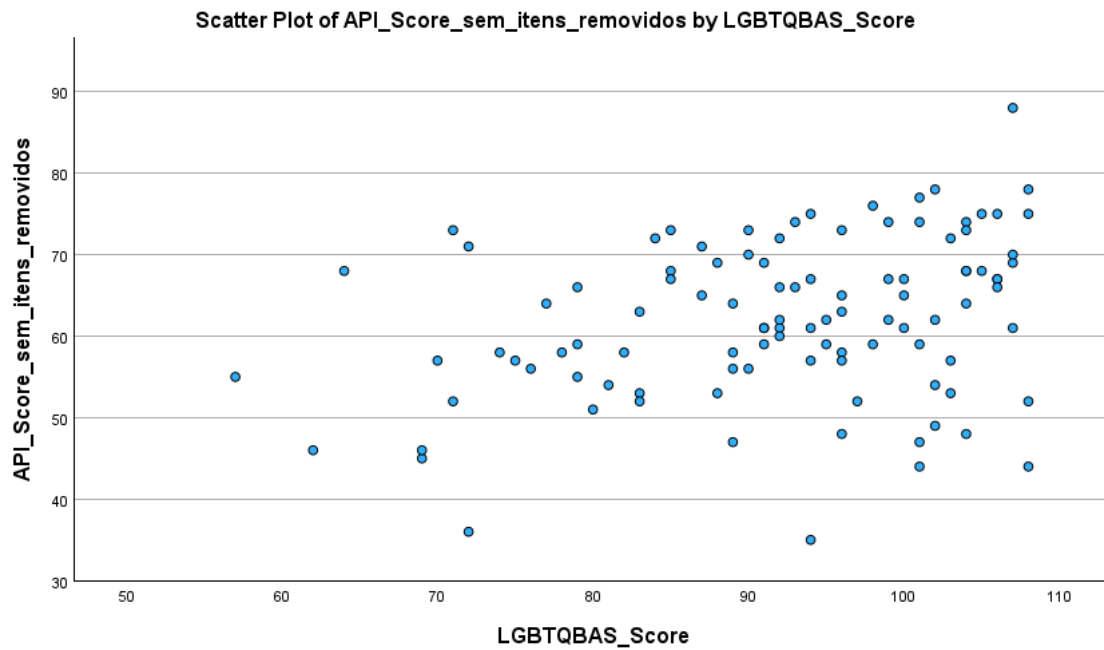
Anexo G– Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória API

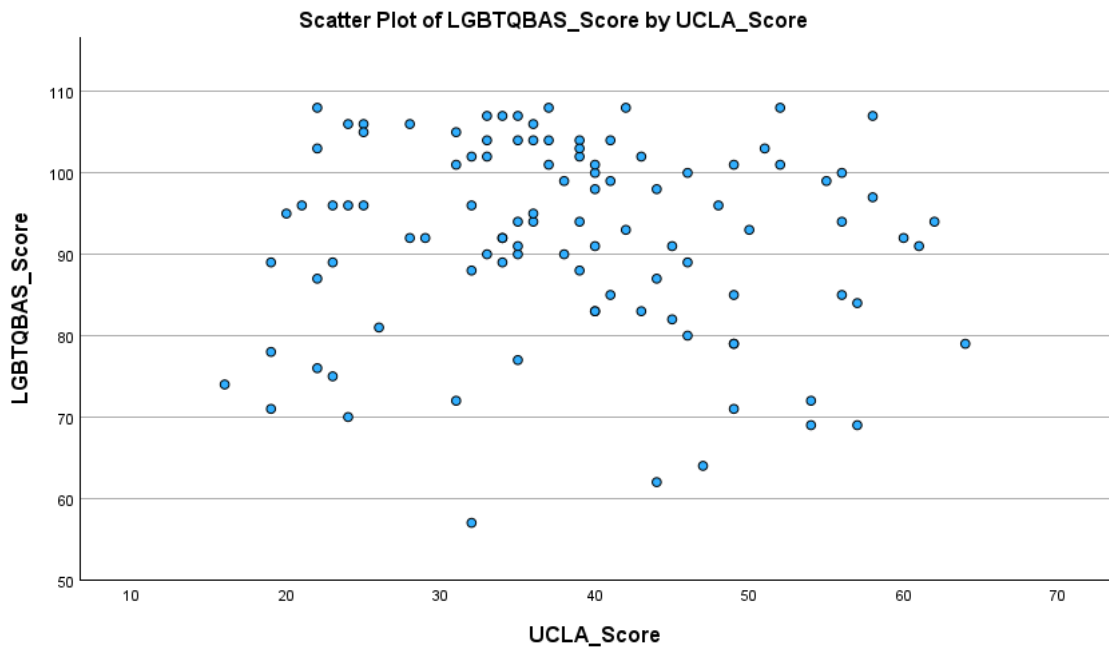


Anexo H– Scree Plot da Análise Fatorial Exploratória LGBTQBAS

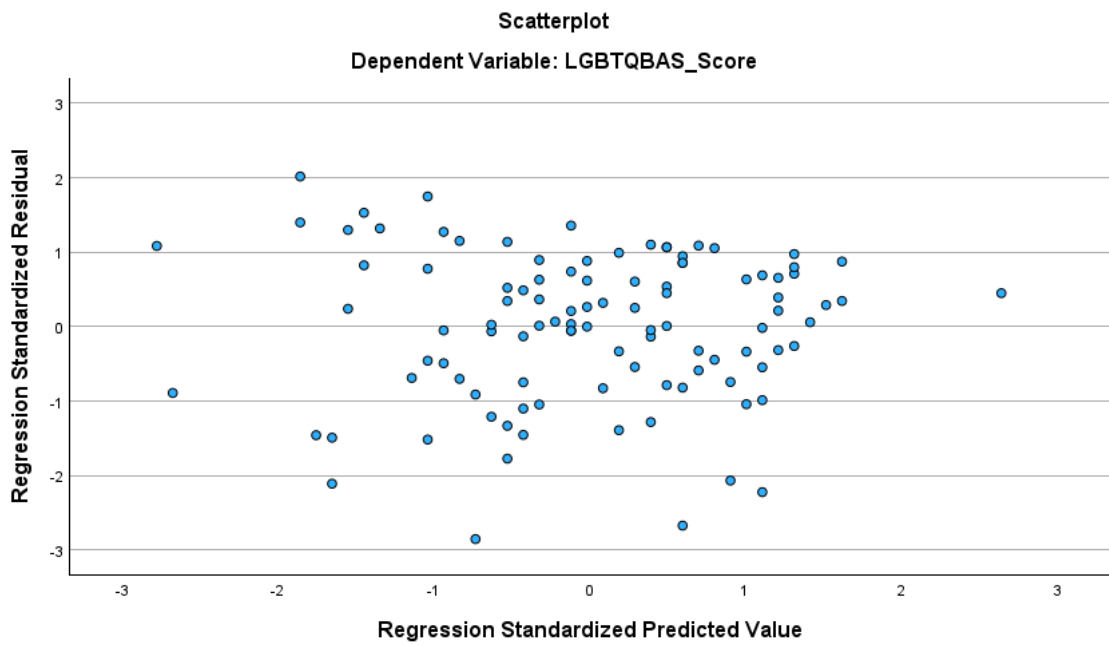


Anexo I– Representação Gráfica das Relações Entre as 3 Variáveis

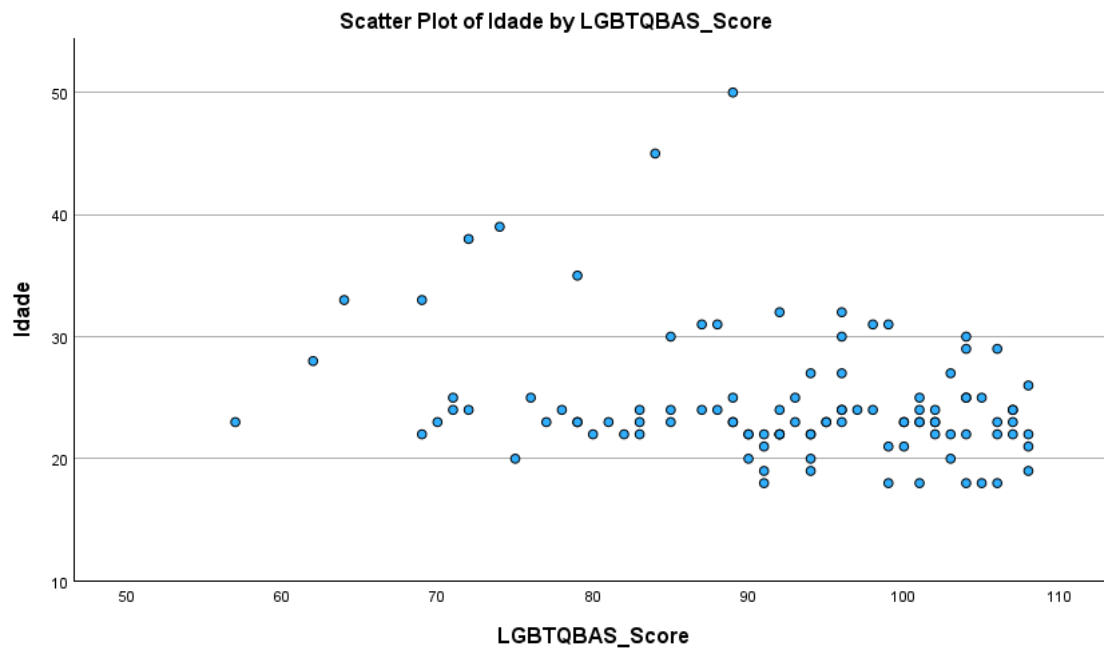
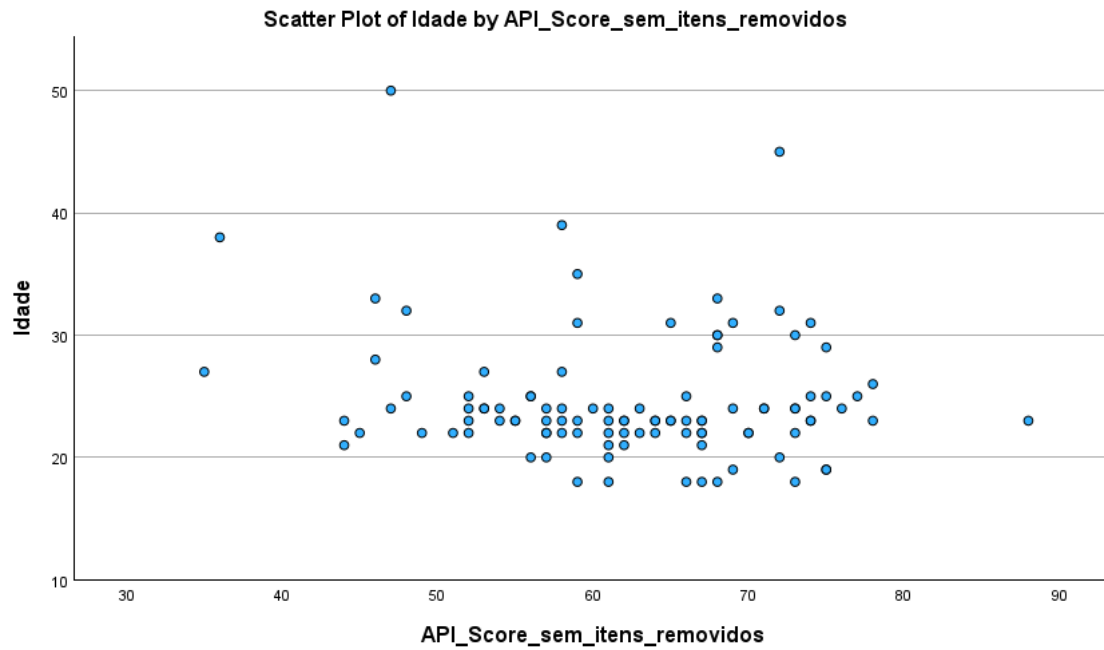


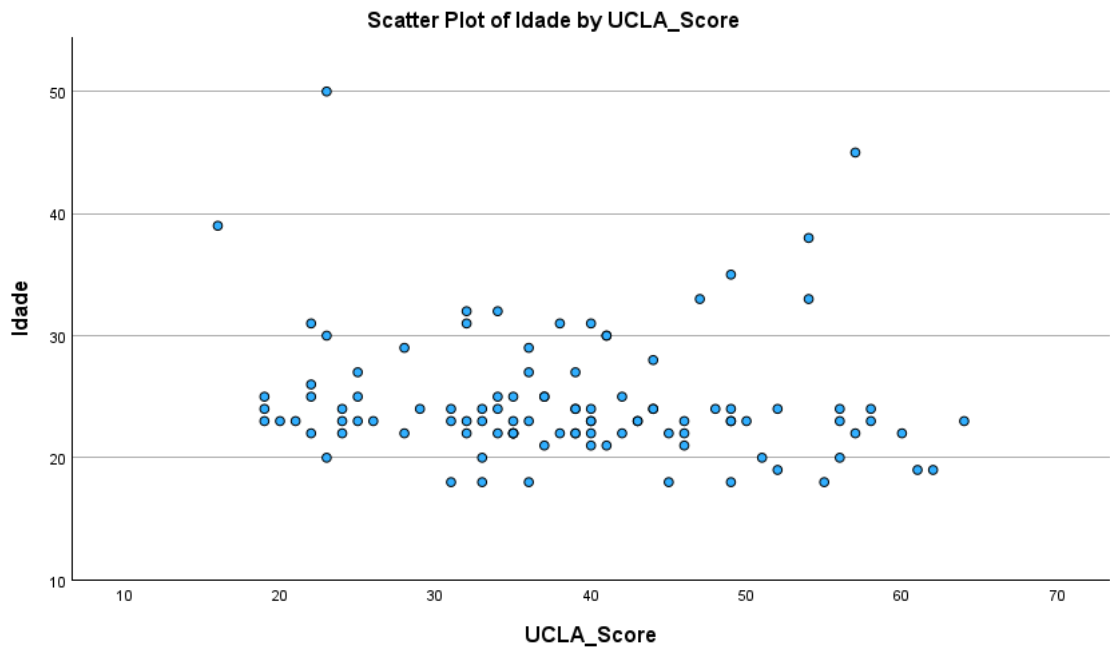


Anexo J– Representação Gráfica de Dispersão de Variâncias – Pertença



Anexo K- Representação Gráfica das Relações Entre Idade e as 3 Variáveis





Anexo L– Análise Fatorial Exploratória Inicial - API

Na primeira análise fatorial exploratória realizada para a escala API, foram extraídos 6 fatores, pelo método das componentes principais, seguido de rotação *Varimax*, e com o peso fatorial mínimo de 0.5, com base nos critérios descritos por Marôco (2018): *Eigenvalue* superior a 1, análise do *Screen Plot* e percentagem da variância explicada.

Rotated Component Matrix^a

	Component					
	1	2	3	4	5	6
API_1		,751				
API_2		,618				
API_3		,557				
API_4			,728			
API_5		,714				
API_6		,793				
API_7				,868		
API_8				,746		
API_9						,720
API_10					,740	
API_11					,691	
API_12						,724
API_13			,585			
API_14			,625			
API_15			,651			
API_16			,444			
API_17				,432		
API_18					,621	
API_19	,799					
API_20	,852					
API_21	,788					
API_22	,652					

Extraction Method: Principal Component Analysis.

Rotation Method: Varimax with Kaiser Normalization. ^a

a. Rotation converged in 7 iterations.

Ao observar a divisão obtida, esta revelou-se particularmente desequilibrada. Uma vez que estes resultados não se revelaram satisfatórios e adequados, avançou-se para uma segunda análise fatorial exploratória, forçando a extração a quatro fatores, tal como proposto pelo artigo original (Auter & Palmgreen, 2000), estando este processo detalhado nos Resultados.

Anexo M– Comparação de Estrutura entre *Audience Persona Interaction Scale* Original e Utilizada

Versão	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
Original	1	7	13	19
	2	8	14	20
	3	9	15	21
	4	10	16	22
	5	11	17	
	6	12	18	
Utilizada	Fator 1	Fator 2	Fator 3	Fator 4
	19	7	1	4
	20	8	2	13
	21	10	3	14
	22	11	5	15
		17	6	

Fator 1: Original - *Identification with Favorite Character*

Fator 2: Original - *Interest in Favorite Character*

Fator 3: Original - *Group Identification/Interaction*

Fator 4: Original - *Favorite Character Problem Solving Abilities*

Fator 1: Utilizado - Capacidade de Resolução de Problemas da Personagem Favorita

Fator 2: Utilizado - Interesse na Personagem Favorita

Fator 3: Utilizado - Identificação com Personagem Favorita

Fator 4: Utilizado - Interação/Identificação Grupal